



MAIS GUIMARAES
A REVISTA DA CIDADE BERÇO

N160 MENSAL: AGOSTO 2026
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
DIRETOR ELISEU SAMPAIO

GUIMARÃES E BRAGA

JUNTOS PELA ÁREA METROPOLITANA DO MINHO

ACAREG 2026 MAIOR EDIÇÃO DE SEMPRE DECORREU NA PENHA **FESTAS DA CIDADE E GUALTERIANAS**
O POVO SAIU À RUA PARA CELEBRAR **MARIA MACIEL** PODCAST SOBRE VIOLÊNCIA E RELAÇÕES ABUSIVAS
ROCK NO RIO FEBRAS 40 MIL PASSARAM POR BRITEIROS

N160 | AGOSTO 2026

COM SINAL MAIS NESTA EDIÇÃO

TODOS OS MESES
A MAIS GUIMARÃES LEVA ATÉ SI
O QUE DE MAIS IMPORTANTE
ACONTECE NA CIDADE BERÇO
E NO CONCELHO!





Nãsenhori
restaurante

Amigos em casa?

SERVIÇO PRÓPRIO DE ENTREGAS

916 997 585

Segue-nos nas Redes Sociais

VÊ O MENU E FAZ A TUA ENCOMENDA



RESTAURANTE RENASCIMENTO CELEBRA DOIS ANOS DE HISTÓRIAS, SABORES E AMIZADE

TEXTO E FOTOGRAFIA: MAIS GUIMARÃES

Dois anos depois de abrir portas no centro histórico de Guimarães, o Restaurante Renascimento celebrou o seu segundo aniversário com uma noite especial, rodeado por amigos, clientes e parceiros que têm acompanhado o projeto desde o início.

A celebração ficou marcada pelo convívio, pela música, pelos sorrisos e pelos brindes a dois anos de história. Uma noite para recordar o caminho percorrido, agradecer a quem tem feito parte desta caminhada e, sobretudo, olhar para o futuro.

O Renascimento nasceu da amizade de Manuel Cardoso, Rui Filipe e João Leite, que decidiram transformar a paixão pela gastronomia e pelos momentos à mesa num projeto com identidade própria.

Desde a abertura, na Rua Dr. António Mota Prego, o restaurante tem procurado afirmar-se pela combinação entre a tradição da cozinha portuguesa e uma abordagem contemporânea. A cozinha está a cargo do chef Rui Filipe, que conta com experiência nacional e internacional e que conquistou, entretanto, uma estrela Michelin no Palatial Restaurant & Suites, em Braga.

No Renascimento, a carta parte dos sabores portugueses para criar propostas que cruzam tradição e criatividade, num ambiente acolhedor e descontraído. A experiência é ainda complementada por uma seleção de vinhos de pequenos produtores nacionais e, em algumas noites, pela música de Nelinho faz a diferença, alegrando os presentes.

Ao assinalar este segundo aniversário, a equipa faz questão de agradecer a todos os que têm acompanhado o percurso, mas destaca especialmente quem está diariamente no espaço.





“Queremos agradecer a todos os que fizeram e continuam a fazer parte desta caminhada, aos nossos clientes, amigos e parceiros, que acreditaram no Renascimento desde o primeiro dia. Mas este aniversário é também, e sobretudo, da nossa equipa. São as pessoas que estão todos os dias connosco, que dão o melhor de si, que cuidam de cada detalhe e que fazem do Renascimento aquilo que ele é. É graças a esta equipa que conseguimos crescer, evoluir e transformar este espaço num projeto de sucesso. A todos, o nosso muito obrigado e a certeza de que o melhor ainda está por vir.”

RECONHECIMENTO NACIONAL

O percurso do Renascimento tem sido também marcado pelo reconhecimento fora de Guimarães. Em 2025, o restaurante foi nomeado para os TheFork Awards, que distinguem os melhores restaurantes que abriram portas em Portugal em 2024.

Entre as novas aberturas selecionadas, o Renascimento foi o único representante do Minho e conquistou o 7.º lugar nacional na edição de 2025, numa cerimónia realizada no Convento do Beato, em Lisboa.

Dois anos depois da abertura, o Renascimento continua, assim, a afirmar-se como um ponto de encontro entre tradição e inovação, com Guimarães como cenário e a gastronomia como a mais saborosa das linguagens.



Rua Dr. António Mota Prego 6,
Centro Histórico de Guimarães

913 514 296

EDITORIAL

DIRETOR DO GRUPO MAIS GUIMARÃES
ELISEU SAMPAIOLEIA A REVISTA
EM FORMATO DIGITALQUANDO GUIMARÃES E BRAGA SE JUNTAM,
TODO O MINHO GANHA

A criação da Área Metropolitana do Minho, intenção anunciada a 21 de julho, deve ser encarada como uma oportunidade histórica para Guimarães.

Não como uma ameaça à sua identidade ou autonomia, mas como uma possibilidade de ganhar escala, influência e capacidade de concretizar projetos que, isoladamente, seriam mais difíceis de alcançar.

O anúncio conjunto de Ricardo Araújo e João Rodrigues, presidentes das Câmaras de Guimarães e Braga, representa precisamente essa mudança de paradigma: passar de décadas de estudos e cooperação pontual para uma estratégia comum.

Guimarães deve estar lado a lado com Braga neste processo, mas também com Barcelos, Vila Nova de Famalicão, Viana do Castelo e todos os municípios que entendam que há mais a ganhar juntos do que separados.

O objetivo não deve ser criar uma estrutura burocrática, mas construir um verdadeiro ecossistema regional, capaz de aproximar empresas, universidades, centros de investigação, municípios e instituições.

Mobilidade, habitação, ambiente, cultura, saúde, inovação e desenvolvimento económico são áreas onde as fronteiras administrativas deixaram há muito de corresponder à realidade. A própria discussão sobre a Área Metropolitana parte dessa constatação.

Uma região mais articulada terá melhores condições para atrair investimento, captar fundos europeus, fixar talento, criar emprego qualificado e afirmar-se perante Lisboa e Bruxelas. E Guimarães tem tudo para ser um dos seus grandes motores: indústria, conhecimento, património, cultura, inovação e uma forte capacidade empresarial.

Não precisamos de escolher entre Guimarães e o Minho. Podemos ter mais Guimarães precisamente porque teremos um Minho mais forte.

As rivalidades locais continuarão a existir, e não há mal nisso. Mas há uma escala superior onde devemos saber cooperar.

O futuro não se constrói município contra município. Constrói-se território com território. E Guimarães deve estar na primeira linha dessa construção.

Mais Guimarães – A Revista é um órgão de comunicação independente e plural ao serviço de Guimarães e de todos os Vimaraneses.

Estas são as linhas que a definem:

01 A Revista "Mais Guimarães" é um órgão de comunicação regional, gratuito, generalista, independente e pluralista, que privilegia as questões ligadas ao concelho de Guimarães.

02 A Revista "Mais Guimarães", é uma publicação independente, sem qualquer dependência de natureza política, económica ou ideológica.

03 A Revista "Mais Guimarães" é um órgão de informação que recusa o sensacionalismo

e é orientado por critérios de rigor, isenção e honestidade no tratamento das notícias.

04 A Revista "Mais Guimarães" compromete-se a respeitar os direitos e deveres previstos na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Imprensa e no Código Deontológico dos Jornalistas.

05 A Revista "Mais Guimarães" aposta numa informação diversificada de âmbito local, abrangendo os mais variados campos de atividade e pretende corresponder às motivações e interesses de um público plural que se quer o mais envolvido possível no projeto editorial.

06 A Revista "Mais Guimarães" distingue claramente as notícias – que deverão ser objetivas,

circunscrevendo-se à narração, à relação e à análise dos factos para cujo apuramento devem ser ouvidas as diversas partes – e as opiniões, ou crónicas, que deverão ser assinadas por quem as defende, claramente identificáveis.

07 A Revista "Mais Guimarães" compromete-se a respeitar a privacidade dos cidadãos, recusando a divulgação de factos da vida pessoal e familiar.

08 A Revista "Mais Guimarães" considera a sua atividade como um serviço de interesse público, com respeito total pelos seus leitores, em prol do desenvolvimento da identidade e da cultura local e regional, da promoção do progresso económico, social e cultural.

FICHA TÉCNICA

Mais Guimarães A Revista da Cidade Berço
Publicação Periódica Regional, Mensal

Tiragem

5.000 Exemplares

Proprietário

Eliseu Sampaio Publicidade, Unipessoal Lda.

NIPC 509 699 138

Sede e Sede da Redação Av. de São Gonçalo, n.º

319, 1.º Piso, Sala C, Oliveira, São Paio e São Sebastião

4810- 525 Guimarães

Telefone 253 537 250 [Chamada para a rede fixa nacional, de acordo com o seu tarifário]

Email administracao@maisguimaraes.pt

Diretor e Editor

Eliseu de Jesus Neto Sampaio

Travessa Monte da Carreira N.º 490

4805-284 Ponte Guimarães

Registado na Entidade Reguladora Para a Comunicação Social, sob o n.º. 126 352
ISSN 2182/9276 **Depósito Legal** n.º. 358 810/13
Administração: Eliseu de Jesus Neto Sampaio, detentor de 100% do capital da empresa.

Jornalistas

Eliseu Sampaio, Carolina Rodrigues, Rodrigo Marques

Design Gráfico e Paginação

Mais Guimarães

Impressão e Acabamento

Gráfica Nascente, Artes Gráficas Lda.

Travessa Comendador Aberto M. Sousa

Lote 15, Zona Industrial - Vila Nova de Sande

4805-668 Guimarães

Imagem de Capa

Francisco Rodrigues / CMG

COMO PUBLICITAR

Contacte-nos e conheça as nossas campanhas de publicidade.

Telemóvel 917 953 912

[Chamada para a rede móvel nacional, de acordo com o seu tarifário]

Email geral@maisguimaraes.pt

www.maisguimaraes.pt

Av. S. Gonçalo 319, 1º Piso, Salas C
4810-525 Guimarães



f / MAISGUIMARAES

PUB



PRATOS ÚNICOS,
BONS VINHOS,
E UM AMBIENTE
ESPECIAL NO CORAÇÃO
DO CENTRO HISTÓRICO!

Reservas: 911 175 763
f @buxarestaurante



Largo da Oliveira, 23, Guimarães, Portugal
www.restaurantebuxa.com



CASA DOS BOMBOS PEIXOTO COSTA

A ALMA DAS NICOLINAS NA FEIRA DE ARTESANATO

TEXTO E FOTOS: MAIS GUIMARÃES

A tradição dos bombos e das caixas, tão profundamente ligada à identidade de Guimarães e às Festas Nicolinas, esteve em destaque na Feira de Artesanato de Guimarães, integrada nas Festas da Cidade e Gualterianas. À entrada do certame, junto à muralha com a inscrição “Aqui Nasceu Portugal”, a Casa dos Bombos Peixoto Costa apresentou aos visitantes um pouco da história e do saber-fazer associado a estes instrumentos.

Durante a realização da feira, Maurício Costa esteve presente no espaço da marca, mostrando ao público diferentes etapas do trabalho artesanal, desde a construção e reparação à afinação de bombos e caixas. Um contacto direto com um ofício que continua a desempenhar um papel importante na preservação de uma das tradições mais emblemáticas de Guimarães.

A presença na Feira de Artesanato permitiu também dar a conhecer melhor as Festas Nicolinas, explicando a importância dos bombos e das caixas nos momentos que, todos os anos, mobilizam milhares de estudantes e vimaranenses.

Maurício Costa destacou ainda a evolução que a própria Feira de Artesanato tem registado, considerando positiva a aposta crescente na qualidade e na autenticidade dos participantes.

“A Oficina tem vindo a aumentar o critério de seleção dos participantes e isso é muito positivo. Hoje a feira afirma-se cada vez mais como um espaço dedicado ao verdadeiro artesanato certificado, onde a qualidade e a autenticidade fazem a diferença.”

Para o responsável pela Casa dos Bombos Peixoto Costa, a valorização do trabalho artesanal é essencial para garantir a continuidade de ofícios que atravessam gerações.

“É importante que o público encontre aqui artesãos que trabalham diariamente nas suas peças e que mantêm vivas técnicas transmitidas ao longo de gerações.”

Com oficina em Creixomil, a Casa dos Bombos Peixoto Costa dedica-se, ao longo de todo o ano, à venda, aluguer, afinação e reparação de bombos e caixas, trabalhando com grupos, fanfarras e associações, tanto em Portugal como no estrangeiro.

É, contudo, com a aproximação das Nicolinas que o trabalho ganha uma intensidade particular. A preparação dos instrumentos começa com antecedência, envolvendo a produção, recuperação e afinação de centenas de bombos e caixas que irão marcar o ritmo das Festas dos Estudantes.

A passagem pela Feira de Artesanato permitiu, assim, aproximar visitantes de um património que muitas vezes é ouvido antes de ser conhecido. Por detrás do som que anuncia as Nicolinas existe um trabalho artesanal exigente, feito à mão e assente num conhecimento transmitido ao longo do tempo.

A Casa dos Bombos Peixoto Costa levou, desta forma, à Feira de Artesanato não apenas os seus instrumentos, mas também uma parte da memória, da cultura e da identidade de Guimarães, antecipando os sons que dentro de alguns meses voltarão a ecoar pelas ruas da cidade.



solvita

energias renováveis



5^o

ANIVERSÁRIO

PELLETS

4,70€

Saco de 15kg

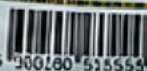
CAMPANHA VÁLIDA ATÉ 31 DE AGOSTO

ENCOMENDE JÁ OS
NOSSOS PELLETS
CERTIFICADOS



ESPECIFICAÇÕES:

DIÂMETRO: 6 mm
COMPRIMENTO: 2,15 a 2,40 mm
PODER CALORÍFICO: ≥ 4,6 kWh/kg
CINZAS: ≤ 0,5%
HUMIDADE: ≤ 10%



- ALTO PODER CALORÍFICO
- BAIXO TEOR DE CINZAS E POEIRAS
- MÁXIMO CONFORTO E EFICIÊNCIA
- AMIGO DO AMBIENTE
- PRODUZIDO COM MADEIRA
- DE FLORESTAS GERIDAS SOB
- DE FORMA SUSTENTÁVEL

15KG

SISTEMAS DE AQUECIMENTO E/OU ARREFECIMENTO | BOMBAS DE CALOR/AR CONDICIONADO
SISTEMAS SOLARES TÉRMICOS | CALDEIRAS E RECUPERADORES A BIOMASSA



GUIMARÃES 2026 APLICAÇÃO VAI ENCONTRAR PERCURSOS MAIS SAUDÁVEIS E SUSTENTÁVEIS

TEXTO MAIS GUIMARÃES E FOTOGRAFIAS UMINHO

Uma equipa da Universidade do Minho e do ISAVE está a desenvolver o “Clear Paths ”, uma aplicação inteligente que pretende ajudar os cidadãos a encontrar percursos mais saudáveis, seguros e sustentáveis, adaptados às características e necessidades de cada utilizador.

Financiado pela comissão científica de Guimarães 2026 – Capital Verde Europeia, o projeto terá como primeiro território de teste o Parque da Cidade de Guimarães, podendo posteriormente ser alargado a outros espaços e corredores verdes do concelho, como o corredor verde de Creixomil ou o Parque das Taipas.

A aplicação vai cruzar diferentes tipos de informação, nomeadamente temperatura, qualidade do ar, ruído, cobertura vegetal, sombra, declives, acessibilidade e segurança. Estes dados permitirão avaliar as condições dos diferentes trajetos e criar recomendações personalizadas para quem pretende caminhar ou praticar atividade física.

Uma das prioridades passa por identificar percursos com menor exposição ao calor extremo, à poluição atmosférica e ao ruído, tornando a ferramenta particularmente útil para pessoas mais vulneráveis.

O projeto pretende, assim, contribuir para o aumento da atividade física e para a promoção de estilos de vida mais saudáveis. A componente ambiental terá também um papel importante. Ao longo dos percursos, a aplicação poderá disponibilizar informação sobre biodiversidade, habitats e espécies, transformando as deslocações numa oportunidade de contacto com a natureza e de sensibilização ambiental.

Os investigadores estão ainda a envolver os cidadãos no desenvolvimento da ferramenta, através de iniciativas destinadas a perceber barreiras, preferências e necessidades dos futuros utilizadores. A equipa considera esta participação fundamental

para garantir que a aplicação responde às condições reais vividas pela população. O projeto reúne investigadores de diferentes áreas da UMinho e do ISAVE e conta com o apoio do Laboratório da Paisagem.

O protótipo do “Clear Paths ” deverá estar disponível em dezembro, seguindo-se testes no terreno com diferentes perfis de utilizadores. A intenção é avaliar a facilidade de utilização da aplicação, o seu impacto na saúde e bem-estar e, posteriormente, a possibilidade de replicar o modelo noutras cidades.



CIDADE

TEXTO: ELISEU SAMPAIO



JOÃO LAVADINHO CELEBRA 50 ANOS DE FOTOGRAFIA COM EXPOSIÇÃO EM GUIMARÃES

O fotógrafo vimaranense João Lavadinho assinala 50 anos de carreira com a exposição “50 anos de fotografia”, patente na Pousada Mosteiro de Guimarães até 30 de agosto. A mostra reúne cerca de 80 fotografias, percorrendo cinco décadas de trabalho e revelando diferentes dimensões do percurso do fotógrafo, desde Guimarães e outras paisagens a pessoas e ofícios.

Com uma carreira também marcada pela fotografia de desporto automóvel, publicidade e fotografia documental, João Lavadinho começou a fotografar aos 12 anos e construiu um percurso distinguido em Portugal e no estrangeiro.

CCVF RECEBE “LA DISTANCE”, A MAIS RECENTE CRIAÇÃO DE TIAGO RODRIGUES

O mais recente espetáculo do ator, encenador e dramaturgo Tiago Rodrigues será apresentado em Guimarães nos dias 25 e 26 de setembro, às 21h30, no Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor (CCVF). A peça, intitulada La Distance, estreou-se na edição deste ano do Festival d'Avignon, em França, e integra atualmente uma digressão por vários palcos europeus.

Com ação situada no ano de 2077, a obra transporta o público para um futuro marcado pela crise climática e pela instabilidade económica, onde parte da humanidade passou a viver em Marte.



EMPRESA VIMARANENSE DESENVOLVE ALTERNATIVA AO AÇO

A The Light Rebar Company, empresa sediada em Guimarães e participada pelo Grupo Versa, desenvolveu um varão compósito à base de fibra de vidro que surge como alternativa ao aço na construção civil. A solução, já utilizada em centenas de projetos em Portugal e no estrangeiro, apresenta maior resistência à corrosão, menor peso e maior durabilidade, contribuindo para reduzir custos de manutenção e o impacto ambiental das obras.

A empresa prepara agora um investimento de 10 milhões de euros nos próximos cinco anos, destinado a reforçar a capacidade produtiva, acelerar a inovação tecnológica e expandir a presença nos mercados nacional e internacional.

PAULO PORTAS TOMA POSSE COMO COMISSÁRIO-GERAL DAS COMEMORAÇÕES DOS 900 ANOS DA FUNDAÇÃO DE PORTUGAL

A cerimónia decorreu no Palácio Nacional da Ajuda e contou com a presença do presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Ricardo Araújo. O autarca destacou a importância da entrada em funções de Paulo Portas, considerando que a sua experiência política e diplomática poderá contribuir para reforçar a dimensão nacional e internacional das comemorações.

Ricardo Araújo afirmou que Guimarães está “na linha da frente” deste processo e sublinhou que as celebrações dos 900 anos constituirão um momento marcante para a cidade e para o país.





FEST'IN FOLK CORREDOURA

PONTO DE ENCONTRO ENTRE CULTURAS

TEXTO E FOTOGRAFIAS: ELISEU SAMPAIO

A 13.^a edição do Fest'In Folk Corredoura - O Mundo Dança em Guimarães, voltou a transformar a Cidade Berço num espaço privilegiado de encontro entre diferentes povos, culturas e tradições. Ao longo de uma semana, grupos da Alemanha, Argélia, Brasil, Canadá, Chile, Montenegro e Portugal partilharam música, dança, trajes e costumes, aproximando diferentes comunidades através da cultura.

Organizado pelo Grupo Folclórico da Corredoura, o festival assumiu este ano um significado especial ao assinalar os 70 anos da associação, que tem desenvolvido, ao longo de sete décadas, um trabalho de preservação e divulgação da cultura popular vimaranense, levando também o nome de Guimarães além-fronteiras.

Mais do que as três grandes galas realizadas no Campo de São Mamede, o Fest'In Folk apresentou uma programação diversificada e com forte ligação à comunidade. O desfile pelo centro histórico, os workshops, as residências artísticas e a exposição "O Mundo Traja em Guimarães", no Paço dos Duques, foram alguns dos momentos que permitiram ao público conhecer de perto as diferentes tradições representadas no festival.

A dimensão social foi igualmente uma das marcas desta edição. Os grupos internacionais deslocaram-se a lares de idosos do concelho, levando música e dança a diferentes públicos e proporcionando momentos de convívio e partilha. Uma forma de levar o festival para além dos palcos e de aproximar os participantes da comunidade vimaranense.

Também os períodos de permanência dos grupos em Guimarães foram importantes para o intercâmbio cultural. A Escola Secundária Martins Sarmento, onde as delegações ficaram alojadas, tornou-se durante vários dias num espaço de convivência, ensaios, refeições e partilha de experiências entre jovens e participantes de diferentes países.



O festival culminou com as três galas no Campo de São Mamede, a de Abertura, a de Folclore Nacional e a Internacional de Encerramento, momentos que reuniram milhares de pessoas em torno da música, da dança e das tradições populares.

Certificado pelo CIOFF Internacional, o Fest'In Folk afirma-se como um evento de referência no circuito internacional de folclore, contribuindo simultaneamente para a valorização da identidade cultural de Guimarães.

Para Henrique Macedo, presidente do Grupo Folclórico da Corredoura, a capacidade de evoluir é essencial para o futuro do festival. "Surpreender e evoluir é o modo do Fest'In Folk Corredoura", afirmou, defendendo a introdução de novas propostas e o crescimento do folclore a nível internacional.

Ao longo de uma semana, Guimarães recebeu o mundo, mas também teve oportunidade de mostrar um pouco da sua própria identidade. É nessa dupla dimensão – receber, partilhar e projetar – que o Fest'In Folk encontra a sua principal razão de ser.



PUB

sociedade
ponto verde

Resinorte

De Mão em Mão até ao *Vidrão*

Tem um café, restaurante ou hotel?
Então, temos *um vidrão para si.*

Vamos percorrer os estabelecimentos
da região, porta a porta, para entregar
contentores de vidro com instalação
e baldeamento assistido.

Porque reciclar vidro deve
ser simples e acessível.



Para mais informações, entre em
contacto connosco através de:



**LINHA da
reciclagem**

800 911 400
Chamada gratuita



atendimento@linhadareciclagem.pt
www.linhadareciclagem.pt

CIDADE

TEXTO: ELISEU SAMPAIO



DE AZURÉM AOS 3.000 METROS: O DESAFIO AEROSPAIAL DOS ESTUDANTES DA UMINHO

A Universidade do Minho vai participar, pela primeira vez, na European Rocketry Challenge (EuRoC), uma das principais competições europeias de lançamento de foguetes para equipas universitárias. A estreia acontece entre 15 e 21 de outubro, em Constância, no Alentejo, numa edição que reunirá 25 equipas e cerca de 700 estudantes de vários países europeus.

O projeto que levará os estudantes vimaranenses à competição está a ser desenvolvido no campus de Azurém, em Guimarães. Batizado de Mirage, o foguete experimental foi concebido pela própria equipa e deverá ser capaz de atingir uma altitude de 3.000 metros.

TIAGO BETTENCOURT EM GUIMARÃES PARA APOIAR RESTAURO DA CAPELA DA CONCEIÇÃO

O cantor e compositor Tiago Bettencourt vai atuar em Guimarães no próximo 11 de dezembro, pelas 21h30, num concerto solidário que terá lugar na Igreja de Nossa Senhora da Conceição. A iniciativa pretende aliar a música à preservação do património, contribuindo para a conservação e restauro da histórica Capela de Nossa Senhora da Conceição.

Reconhecido como uma das principais referências da música portuguesa contemporânea, Tiago Bettencourt apresentará um espetáculo de ambiente intimista, revisitando alguns dos temas mais marcantes dos seus mais de 20 anos de carreira.



GUIMAGYM ASSINALA 10 ANOS COM LANÇAMENTO DE LIVRO COMEMORATIVO

O GUIMAGYM, Clube de Ginástica de Guimarães celebrou o seu décimo aniversário com o lançamento do livro "Uma Família de Emoções – 10 anos da nossa história". A apresentação da obra realizou-se nas instalações da CERCIGUI, em Guimarães.

“Esta obra é o testemunho vivo de tudo o que construímos juntos ao longo destes dez anos. Mais do que um livro, é um tributo a todos quantos tornaram possível esta história entre atletas, treinadores, dirigentes, familiares e parceiros. A sua presença neste momento de partilha representa, para nós, um reconhecimento do esforço coletivo que nos trouxe até aqui”, afirmou Luís Rodrigues, presidente da direção do GUIMAGYM.



PUB

**Obrigado
pela confiança.**

é bom viver assim



**Conheça a solução ideal
para o seu condomínio:**

LDC GUIMARÃES

Av. D. João IV, C.C. Villa, Loja 27
4810-532 Guimarães

T: 253 408 020

E: guimaraes@ldc.pt

www.ldc.pt

PENHA TRANSFORMA-SE NA CAPITAL DO ESCUTISMO MAIOR ACAREG DE SEMPRE

TEXTO: ELISEU SAMPAIO FOTOGRAFIAS: JORGE OLIVEIRA/MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PESCAS E CMG





Durante seis dias, a Montanha da Penha foi o ponto de encontro de milhares de escuteiros de todo o país. Cerca de 5.000 participantes, entre crianças, jovens e adultos, instalaram-se em Guimarães para participar na 90.ª edição do ACAREG – Acampamento Regional de Braga do Corpo Nacional de Escutas (CNE), naquela que foi a maior edição de sempre da iniciativa.

Sob o lema “Dar comVida”, o ACAREG 2026 reuniu escuteiros provenientes de 158 agrupamentos das regiões de Braga, Porto, Lisboa, Santarém e Algarve, contando ainda com participantes estrangeiros. Entre os participantes, com idades compreendidas entre os seis e os 76 anos, mais de metade foram do sexo feminino.

A dimensão do encontro ficou evidente desde os primeiros momentos. Depois de um dia dedicado à montagem dos campos, os participantes reuniram-se para a cerimónia oficial de abertura, num momento que juntou música, performances audiovisuais e várias intervenções institucionais.

O ministro da Agricultura e Mar, José Manuel Fernandes, esteve presente na sessão inaugural, onde destacou o papel do Corpo Nacional de Escutas enquanto maior organização de juventude do país. Na sua intervenção, enalteceu o contributo do movimento para a construção de uma sociedade mais solidária e deixou aos jovens um apelo para que mantenham presentes as suas raízes e os valores que orientam o seu percurso.

A presença do ministro reforçou a dimensão nacional assumida pelo ACAREG e o reconhecimento do papel que o escutismo desempenha na formação das novas gerações.

Também o arcebispo de Braga, D. José Cordeiro, marcou presença na abertura e assumiu uma participação particularmente próxima ao longo do acampamento. Na sua intervenção, destacou os quatro pilares escolhidos para esta edição, alegria, audácia, entrega e partilha, e manifestou a intenção de viver o ACAREG como mais um escuteiro.

D. José Cordeiro acompanhou as atividades na Penha e participou nos momentos festivos e solenes previstos no programa, aproximando-se dos milhares de jovens que durante estes dias fizeram da montanha a sua casa.



A presença das duas figuras institucionais deu particular expressão a uma edição que procurou colocar os valores do escutismo no centro da experiência. A aventura e o convívio foram acompanhados por uma forte componente de formação, serviço e reflexão sobre o papel de cada participante na comunidade.

SEIS DIAS PARA “DAR COMVIDA”

O lema escolhido para o ACAREG 2026 resumiu a filosofia de uma iniciativa que procurou combinar a experiência da vida em campo com diferentes dimensões de aprendizagem e crescimento pessoal.

Ao longo dos seis dias, crianças, jovens e adultos participaram em jogos, atividades ao ar livre, experiências náuticas, workshops, momentos de animação e ações de serviço à comunidade.

A Penha concentrou grande parte da programação, mas o ACAREG ultrapassou os limites da montanha e chegou também a Fafe. A Barragem da Queimadela recebeu as atividades náuticas, envolvendo outro território e reforçando a dimensão regional do encontro.

Na quarta-feira, foram ainda realizadas cerimónias institucionais em Fafe e Guimarães para assinalar a colaboração dos municípios parceiros.

A diversidade da programação permitiu que cada participante encontrasse diferentes formas de viver o acampamento, desde a aventura e o contacto com a natureza até à formação, ao serviço e aos momentos de celebração.

UMA COMUNIDADE DOS 6 AOS 76 ANOS

Um dos aspetos mais marcantes desta edição foi precisamente a sua diversidade. O ACAREG juntou participantes dos seis aos 76 anos, criando um espaço de encontro entre diferentes gerações de escuteiros. Crianças, jovens, dirigentes e voluntários partilharam o mesmo espaço e uma experiência construída em torno dos valores do movimento.

Entre os concelhos mais representados encontraram-se Vila Nova de Famalicão, com mais de 1.300 participantes, Guimarães e Barcelos, ambos com mais de 900 escuteiros.

A presença de agrupamentos das regiões de Braga, Porto, Lisboa, Santarém e Algarve, bem como de participantes estrangeiros, reforçou a dimensão nacional e internacional do encontro.

Durante vários dias, a Penha foi, por isso, muito mais do que um espaço de acampamento. Foi uma comunidade temporária, com milhares de pessoas a partilharem tarefas, experiências, refeições, atividades e momentos de convívio.

SUSTENTABILIDADE TAMBÉM SE APRENDE NO CAMPO

A realização do ACAREG em Guimarães adquiriu ainda um significado especial por acontecer no ano em que o concelho é Capital Verde Europeia 2026.

A sustentabilidade foi assumida como uma das marcas da iniciativa, através da promoção de práticas ambientalmente responsáveis e da sensibilização dos participantes para a importância de proteger a natureza.

A ligação entre o escutismo e a estratégia ambiental de Guimarães esteve também presente na mensagem do presidente da Câmara Municipal, Ricardo Araújo, que deu as boas-vindas aos participantes e destacou a sintonia entre os valores do movimento e o compromisso da cidade.

O autarca afirmou que, durante estes dias, a Penha se transformava na “capital nacional do escutismo”, estabelecendo





uma ligação entre a mensagem do ACAREG e um dos princípios associados à Capital Verde Europeia: “deixar o mundo um pouco melhor do que o encontramos”.

MUNICÍPIO DISTINGUIDO PELO APOIO

A dimensão do ACAREG exigiu uma operação logística de grande escala e uma forte articulação entre a organização, o Município de Guimarães, empresas municipais, instituições e diferentes serviços.

Ricardo Araújo visitou o recinto na quarta-feira, acompanhado pelo arcebispo metropolitano de Braga, D. José Cordeiro, pelo chefe do Núcleo de Guimarães, Alexandre Novais, pela chefe regional do CNE, Catarina Miranda, e pelos administradores das empresas municipais Daniel Rodrigues, da Vimágua, Alexandre Barros, da Vitrus Ambiente, e José Luís Ribeiro, da Tempo Livre.

Durante a visita, o presidente da Câmara contactou com escuteiros de vários agrupamentos e destacou o ambiente de partilha, convivência e espírito de missão vivido na Penha.

O Município foi posteriormente distinguido pela organização do ACAREG pelo apoio prestado à realização do evento, numa homenagem extensiva às empresas municipais e às restantes entidades parceiras. Ricardo Araújo recordou que Guimarães assumiu, desde o primeiro momento, a ambição de contribuir para a realização da melhor edição de sempre do ACAREG.

“Colocámos ao serviço desta iniciativa os recursos do Município, das nossas empresas municipais, das instituições e dos serviços, para que tudo decorresse da melhor forma. Ver este acampamento reunir cerca de 5.000 escuteiros e corresponder às expectativas da organização é o melhor reconhecimento que poderíamos receber”, afirmou.

UMA SEMANA QUE FICA NA MEMÓRIA

Para além dos números e da dimensão logística, o ACAREG 2026 deixa um balanço marcado pela experiência vivida pelos milhares de participantes.

A presença de responsáveis nacionais, regionais e locais do CNE, a participação do ministro da Agricultura e Mar e o acompanhamento próximo do arcebispo de Braga contribuíram para dar expressão institucional a uma iniciativa que tem, sobretudo, uma forte dimensão humana.



O movimento escutista voltou a colocar em destaque valores como a cidadania, o voluntariado, a responsabilidade, a solidariedade, o respeito pela natureza e o serviço à comunidade.

Em Guimarães, esses valores encontraram um cenário particularmente simbólico. Num ano em que a cidade assume o título de Capital Verde Europeia, milhares de jovens viveram em contacto direto com a natureza e foram desafiados a pensar sobre a responsabilidade individual e coletiva na construção de um futuro mais sustentável.

O ACAREG 2026 terminou, assim, com um balanço muito positivo. A maior edição de sempre cumpriu a ambição de criar uma grande experiência de escutismo, juntando aventura, formação, serviço, espiritualidade e convívio.

Durante seis dias, a Penha foi uma cidade no coração da montanha. Uma cidade feita de tendas, caminhos, canções, atividades, amizade e espírito de missão.

E, para milhares de escuteiros, Guimarães ficará inevitavelmente associada à memória de uma semana em que “Dar comVida” deixou de ser apenas um lema e passou a ser uma experiência vivida em comunidade.





ROCK NO RIO FEBRAS: 40 MIL ENTRADAS E UMA COMUNIDADE UNIDA PELA SOLIDARIEDADE

TEXTO: ELISEU SAMPAIO FOTOS: ROCK NO RIO FEBRAS E CMG

O Festival solidário de Briteiros voltou a superar expectativas, juntou 40 mil pessoas ao longo de três dias e serviu 15 mil pataniscas. Organização destaca o papel dos voluntários, a qualidade do cartaz e o espírito de comunidade.

O Rock no Rio Febras encerrou a sua quinta edição com números que confirmam o crescimento do festival e, ao mesmo tempo, a força da comunidade que está na sua origem. Ao longo dos três dias, passaram pela Quinta da Ponte, em Briteiros, cerca de 40 mil entradas, tendo sido servidas 15 mil pataniscas.

Mais do que os números, a organização faz um balanço “amplamente positivo” de uma edição que voltou a juntar música, solidariedade, voluntariado e comunidade, mantendo uma identidade que tem acompanhado o festival desde a sua criação.

Em comunicado, a organização descreve a quinta edição como “um manifesto de amor”, considerando que o evento demonstrou uma vez mais como a união de uma comunidade em torno de uma causa solidária pode criar um ambiente singular.

Um dos principais agradecimentos é dirigido aos voluntários, apontados como “o verdadeiro motor e coração do Febras”. Dezenas de pessoas estiveram envolvidas na montagem do recinto, na logística e no funcionamento do festival, de forma voluntária.

É precisamente esta dimensão que continua a distinguir o Rock no Rio Febras de muitos outros festivais. O crescimento da iniciativa não alterou a sua matriz comunitária, assente na participação de pessoas que oferecem o seu tempo para ajudar a concretizar um evento cuja receita reverte para uma causa social.



TRÊS DIAS DE MÚSICA E CONVÍVIO

A programação musical esteve também à altura da dimensão alcançada pelo festival. O cartaz reuniu nomes nacionais e internacionais como Wolfmother, The Last Internationale, Blind Zero, Clã, Dapunksportif, Them Flying Monkeys e The Twist Connection, a que se juntaram projetos locais como This Penguin Can Fly, Noise At Valve e Correr Andar.

A organização destaca a qualidade das atuações e a ligação estabelecida entre os artistas e o público. Uma das frases mais ouvidas durante o festival, “não sei qual foi o melhor concerto”, é apontada como reflexo da consistência do alinhamento apresentado em Briteiros.

A última noite ficou particularmente marcada pela atuação dos australianos Wolfmother, que encerraram o festival perante um recinto cheio. O concerto acabou ainda por proporcionar um dos momentos mais inesperados e emocionantes da edição, quando o jovem baterista português Vice Drums, de apenas 10 anos, foi convidado pela banda a subir ao palco e tocar bateria durante a interpretação de “Victorious”.

40 MIL ENTRADAS E NENHUM INCIDENTE

O número de entradas registadas ao longo dos três dias confirma a dimensão que o Rock no Rio Febras atingiu. A organização tinha inicialmente apontado para cerca de 35 mil participantes e, antes do festival, os aproximadamente 20 mil bilhetes disponibilizados já estavam esgotados. O resultado final acabou, contudo, por superar as expectativas. Foram cerca de 40 mil entradas registadas e, segundo o balanço da organização, não foi registado qualquer incidente durante o evento.

O comportamento do público é, por isso, igualmente destacado. A organização salienta o ambiente de convívio, respeito e celebração vivido durante os três dias, considerando que a postura dos festivaleiros foi determinante para o sucesso da edição.

O resultado ganha particular significado perante a dimensão que o evento alcançou e a capacidade de Briteiros receber

milhares de pessoas num festival que continua a ser construído essencialmente através do voluntariado.

SOLIDARIEDADE CONTINUA NO CENTRO

Apesar do crescimento, o Rock no Rio Febras não perdeu de vista a razão pela qual nasceu. As receitas do festival revertem para a Casa do Povo de Briteiros e para os seus projetos sociais. Nas últimas edições, o evento já contribuiu para a construção e equipamento do Centro de Dia, para a aquisição do terreno destinado ao futuro Lar de Idosos e para o desenvolvimento do respetivo projeto de arquitetura. É esta dimensão solidária que continua a justificar grande parte do esforço dos voluntários e da própria comunidade.

O público compra o bilhete, assiste aos concertos, participa na festa e, simultaneamente, contribui para uma causa local. Para a organização, esse é o verdadeiro significado do Febras.

“MAIS DO QUE OS NÚMEROS”,
FICA A CONVICÇÃO DE QUE É
POSSÍVEL PROMOVER CULTURA
DE FORMA GENUÍNA,
ENVOLVENDO A COMUNIDADE
E CONTRIBUINDO PARA APOIAR
QUEM MAIS PRECISA.



UMA REDE DE APOIO À COMUNIDADE

A organização deixou ainda uma palavra de agradecimento às entidades que contribuíram para a realização do festival, nomeadamente à Câmara Municipal de Guimarães, Junta de Freguesia de Briteiros, Proteção Civil, autoridades de Saúde Pública, GNR, Bombeiros Voluntários das Caldas das Taipas e Laboratório da Paisagem.

A organização destaca ainda uma particularidade do modelo do Rock no Rio Febras: o festival não assenta numa lógica tradicional de grandes patrocinadores, privilegiando relações de proximidade com entidades que partilham os seus valores de solidariedade e responsabilidade social.

CRESCER SEM PERDER A IDENTIDADE

A evolução do Rock no Rio Febras tem sido rápida. Depois de ter recebido cerca de 30 mil visitantes em 2025, naquela que foi a primeira edição realizada ao longo de dois dias, a organização apontava este ano para 35 mil participantes.

O resultado final, cerca de 40 mil entradas, confirma uma trajetória de crescimento que transformou um festival nascido de uma iniciativa comunitária num dos acontecimentos musicais de maior dimensão do país. Mas o desafio parece ser precisamente esse: crescer sem perder aquilo que tornou o Febras diferente.

O voluntariado continua no centro. A solidariedade continua a ser a razão de ser. A comunidade continua envolvida. E a música continua a ser o ponto de encontro.

Em Briteiros, o Rock no Rio Febras voltou a provar que é possível juntar milhares de pessoas em torno da música e, ao mesmo tempo, mobilizá-las para uma causa que ultrapassa o próprio festival.

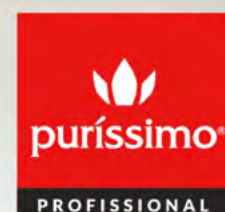
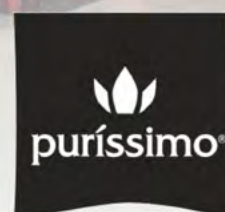
A quinta edição terminou com 40 mil entradas, 15 mil pataniscas e sem incidentes. Mas, para quem organiza, o principal resultado será sempre outro: uma comunidade que se junta, trabalha em conjunto e transforma três dias de música numa ajuda concreta para quem mais precisa.



PUB

Arco
Cash & Carry

GUIMARÃES - SANTA MARIA DA FEIRA - LISBOA - FARO



a marca do consumidor exigente

Agenda Cultural de Guimarães

agosto/setembro 2026

AMÁLIA HOJE

21 de agosto, Santuário da Penha

O projeto Amália Hoje é um dos concertos mais aguardados da edição de 2026 de "O Verão é na Penha". Com entrada livre, o espetáculo promete visitar algumas das mais emblemáticas canções de Amália Rodrigues através de uma abordagem contemporânea, num cenário único que reforça a dimensão artística do evento.

Formado por Nuno Gonçalves e Sónia Tavares (The Gift), Fernando Ribeiro (Moonspell) e Paulo Praça, o projeto nasceu em 2009 e tornou-se uma das propostas mais marcantes da música portuguesa contemporânea.



MEMÓRIA DE PEIXE E FIDJU KITXORA

28 de agosto. Banhos Velhos - Caldas das Taipas

Depois de um ano de afirmação em importantes festivais internacionais, como o Eurosonic Festival, os Fidju Kitxora apresentam a fusão de ritmos de Lisboa e Cabo Verde que marcou o álbum de estreia Racodja, cruzando influências do funaná, semba, kuduro e afro-house.

Já os Memória de Peixe levam ao palco o mais recente trabalho, "III", um disco que explora paisagens sonoras entre a indie pop experimental, o psicadelismo, o jazz e o hip-hop. Em formato de trio, a banda apresenta um espetáculo marcado pela experimentação e por uma atmosfera onírica, prometendo uma atuação envolvente naquela que será mais uma noite de destaque da programação cultural dos Banhos Velhos 2026.



FESTIVAL VAI-M'À BANDA

29 de agosto

O Vai-m'à Banda regressa a Guimarães no dia 29 de agosto, para a nona edição de um festival gratuito e itinerante que cruza música contemporânea com a tradição das tascas vimaranenses. A programação passa pelo centro da cidade e pela Penha, com concertos de Plaka, Lau Ro, Filipe Sambado e José Pinhal Post-Mortem Experience, entre petiscos, vinho, conversa e convívio. Organizado pela Revolve, com o apoio do Município de Guimarães, o festival mantém a sua essência: celebrar a cultura gastronómica local ao som da música que se faz hoje.



IVETE SANGALO

04 setembro - Multiusos de Guimarães

O Multiusos de Guimarães recebe, no próximo dia 4 de setembro, um espetáculo de Ivete Sangalo, integrado nas comemorações dos 25 anos da emblemática sala. A "rainha do Axé", que celebrou recentemente 30 anos de carreira, promete uma noite de muita energia, música e dança, revisitando alguns dos seus maiores êxitos, como "Sorte Grande", "Festa", "Quando a Chuva Passar" e "Macetando".



MANTA 2026

11 e 12 de setembro

O MANTA 2026 regressa ao Centro Cultural Vila Flor para assinalar a abertura da nova temporada de programação, com quatro artistas de diferentes geografias e universos musicais: Mar Pujol, da Catalunha, Leo Middea, do Brasil, Bongeziwe Mabandla, da África do Sul, e Milhanas, de Portugal.

A programação inclui ainda atividades para famílias e, no final dos concertos, DJ sets de Corleone Jr. e Not Fritzen, numa celebração da música, da diversidade e do encontro entre culturas.

CINEMA EM NOITES DE VERÃO

5 a 27 de agosto

O Largo Condessa do Juncal recebe, entre 5 e 27 de agosto, a 38ª edição do Cinema em Noites de Verão, com sessões diárias às 21h45. Em caso de chuva, as exhibições transferem-se para o IDEGUI - Instituto de Design, na Rua da Ramada. O "Cinema em Noites de Verão" é organizado pelo Cineclube de Guimarães.

LÍDERES DESTACADOS NO INSTAGRAM

— ENTRE A COMUNICAÇÃO —
SOCIAL LOCAL



98.000

SEGUIDORES NO FACEBOOK

Este marco é vosso.
É o resultado da confiança, do apoio
e da ligação de uma comunidade
que cresce todos os dias.



OBRIGADO

— MAIS GUIMARÃES —



FESTAS DA CIDADE E GUALTERIANAS 2026

UMA CIDADE INTEIRA VOLTOU A SAIR À RUA

TEXTO: ELISEU SAMPAIO E FOTOS: CMG

Há festas que se fazem de grandes concertos. Outras vivem sobretudo da tradição. Há ainda aquelas que se afirmam pela dimensão religiosa ou pela capacidade de mobilizar o movimento associativo. As Gualterianas conseguem juntar tudo isso. Música, tradição, religião, artesanato, associativismo e a Marcha Gualteriana voltaram a fazer das festas o grande encontro anual da cidade.

Entre 24 de julho e 3 de agosto, Guimarães voltou a viver intensamente a sua maior celebração anual, numa edição das Festas da Cidade e Gualterianas que procurou reforçar a presença de pessoas nas ruas e devolver ao centro histórico uma dinâmica particularmente intensa durante onze dias.

MÚSICA PARA ENCHER O TOURAL

A programação musical foi uma das grandes apostas de 2026. O palco principal, instalado no Toural, recebeu Theo e Fragmentos, Bárbara Bandeira, Dillaz e GNR, nomes que mobilizaram milhares de espectadores e fizeram do centro da cidade um dos principais pontos de encontro em várias noites consecutivas.

A diversidade do cartaz permitiu chegar a públicos diferentes e reforçou a dimensão popular das festas. A par dos nomes nacionais, grupos locais e outras formações musicais ocuparam diferentes espaços da cidade, complementando uma programação que procurou oferecer propostas para várias gerações. Mas reduzir as Gualterianas aos grandes concertos seria não perceber aquilo que distingue esta festa.



A TRADIÇÃO CONTINUA A TER LUGAR

A Feira de Artesanato voltou a reunir dezenas de artesãos e recebeu milhares de visitantes, mantendo uma das dimensões mais importantes da programação: a valorização dos saberes, dos produtos e dos ofícios tradicionais.

Mas foi a Feira do Gado que proporcionou uma das imagens mais genuínas das festas. O mundo rural voltou a encontrar-se com a cidade, numa tradição que continua a surpreender pela sua capacidade de resistência e de mobilização. Em 2026, 162 animais integraram a Feira do Gado no Campo de S. Mamede, um dos números mais elevados dos últimos anos, segundo a organização, a cargo da Cooperativa Agrícola de Guimarães.

A presença dos animais e dos criadores na cidade é muito mais do que uma atração. É uma ligação direta à história económica e social do território e uma oportunidade para aproximar novas gerações de uma realidade que continua a fazer parte da identidade de Guimarães e das suas freguesias. É também uma das características que tornam as Gualterianas diferentes de muitas outras festas urbanas.

FÉ NO CORAÇÃO DAS GUALTERIANAS

Na tarde de domingo, a Procissão de São Gualter percorreu as ruas do centro histórico perante milhares de fiéis e espectadores, mantendo-se como um dos momentos de maior significado espiritual das festividades. A procissão é uma das manifestações mais solenes das Gualterianas e uma tradição profundamente enraizada na comunidade vimaranense.

Entre a música, a animação e a festa popular, este momento introduz uma dimensão diferente, marcada pela fé, pelo silêncio e pela solenidade. É precisamente esta convivência entre diferentes expressões que ajuda a explicar a transversalidade das festas.



A MARCHA FECHOU EM GRANDE

E quando as Gualterianas chegam ao fim, há uma tradição que assume inevitavelmente o protagonismo. A Marcha Gualteriana voltou a encerrar as festas e, em 2026, fê-lo com um significado particularmente especial: a celebração dos 120 anos da Casa da Marcha.

Cerca de um milhar de participantes, entre figurantes, associações, grupos culturais e músicos, integraram o desfile que percorreu as principais ruas da cidade berço perante milhares de espectadores.

Antes da saída, Ricardo Araújo, presidente da Câmara Municipal, mostrava-se convicto de que a Marcha iria surpreender, destacando o trabalho desenvolvido pela nova direção da Associação Artística da Marcha Gualteriana, liderada por Rui Porfírio, e a capacidade de mobilizar um número crescente de associações, renovando vários dos quadros apresentados. A expectativa confirmou-se.

A edição de 2026 apresentou nove carros alegóricos e uma forte componente cénica, cruzando referências à história, à cultura e à identidade vimaranense. Ao longo do percurso, cada quadro foi recebido com aplausos, numa demonstração de que a Marcha continua a ocupar um lugar muito particular no imaginário coletivo da cidade.

120 ANOS A REINVENTAR UMA TRADIÇÃO

A celebração dos 120 anos da Casa da Marcha deu à edição deste ano uma dimensão histórica. Mais de um século depois da renovação da Marcha Gualteriana, a tradição continua a ser capaz de se reinventar sem perder a sua identidade. Esse



equilíbrio entre memória e inovação é um dos seus maiores méritos.

Os carros alegóricos continuam a exigir meses de trabalho, criatividade e dedicação. A participação de associações e grupos culturais reforça a dimensão coletiva do cortejo e permite que novas gerações encontrem um lugar numa tradição que atravessa décadas.

O CENTRO DA CIDADE COMO PALCO

Durante onze dias, a cidade viveu num ritmo diferente. O comércio, a restauração e a hotelaria beneficiaram da maior circulação de pessoas e os espaços públicos foram sucessivamente ocupados por diferentes públicos.

Da música à Feira do Gado, do artesanato à procissão, cada iniciativa contribuiu para criar uma dinâmica própria. As Gualterianas funcionam, por isso, como um grande motor de animação urbana. Durante vários dias, o centro histórico deixa de ser apenas um espaço patrimonial e transforma-se num espaço de encontro, convívio e celebração. É também

uma oportunidade para quem visita Guimarães descobrir uma cidade diferente daquela que encontra num dia normal.

UMA FESTA QUE NÃO ESCOLHE ENTRE PASSADO E FUTURO

Os grandes concertos trouxeram novos públicos. A Feira de Artesanato e a Feira do Gado mantiveram tradições. A Procissão de São Gualter preservou a dimensão religiosa. As associações garantiram a participação da comunidade. E a Marcha voltou a transformar a cidade num enorme palco. Tudo isto acontece ao mesmo tempo.

É essa capacidade de juntar diferentes Guimarães, a cidade jovem e a cidade tradicional, o centro e as freguesias, o património e a cultura contemporânea, a fé e a festa popular, que faz das Gualterianas um acontecimento singular.

Em 2026, Guimarães voltou a sair à rua. E, durante onze dias, voltou a celebrar aquilo que a distingue: a sua história, as suas tradições, a sua capacidade de mobilização e, acima de tudo, a sua identidade coletiva.





GUIMARÃES ASSUME PAPEL HISTÓRICO
NO AVANÇO DA ÁREA METROPOLITANA DO MINHO



21 DE JULHO O DIA EM QUE GUIMARÃES E BRAGA DECIDIRAM AVANÇAR

TEXTO: ELISEU SAMPAIO E FOTOGRAFIAS: FRANCISCO RODRIGUES/CMG

Durante anos falou-se em cooperação, fizeram-se estudos e desenharam-se projetos à escala do território. Agora, pela primeira vez, os presidentes das Câmaras de Guimarães e Braga assumem conjuntamente a intenção de avançar para a criação de uma Área Metropolitana do Minho. Ricardo Araújo e João Rodrigues passam das palavras à ação, começando por desejar juntar os municípios das CIM do Ave e do Cávado e deixando a porta aberta a Viana do Castelo e a outros concelhos.

Para Guimarães, a questão é particularmente importante: ganhar escala sem perder voz, afirmar-se numa nova geografia regional.

Há momentos políticos que valem pelo que representam e outros que valem sobretudo pelo que podem desencadear. O encontro de Ricardo Araújo e João Rodrigues na Falperra, a 21 de julho, foi os dois. Foi ali, na montanha que separa e simultaneamente aproxima Guimarães e Braga, que os presidentes das duas Câmaras anunciaram publicamente a intenção de avançar com o processo de criação da Área Metropolitana do Minho.

O local escolhido carrega uma forte dimensão simbólica: dois territórios historicamente próximos, mas também marcados por uma rivalidade que durante muito tempo se refletiu nas relações políticas, decidiram colocar essa história num plano diferente e assumir uma agenda comum. “Hoje estamos a viver um dia que faz história”, afirmou Ricardo Araújo na apresentação.

Para o presidente da Câmara de Guimarães, aquele encontro representou a primeira reunião formal entre os responsáveis das duas maiores cidades da região exclusivamente dedicada à construção de um projeto comum para o futuro do Minho.

João Rodrigues foi igualmente claro: “Podemos continuar a estudar, a pensar e a discutir este tema durante muitos anos ou podemos dar passos concretos.” E foi essa a principal mensa-

gem transmitida naquele dia. Não se tratava de anunciar mais um estudo. Tratava-se de anunciar o início de um processo.

Os dois autarcas anunciaram que vão pedir uma reunião ao primeiro-ministro, Luís Montenegro, e explicaram que o caminho passará posteriormente pelas Comunidades Intermunicipais, pelos municípios e por um processo legislativo na Assembleia da República.



A Área Metropolitana do Minho ainda não existe. Não há uma estrutura criada, não existe um modelo de governação definido, não está estabelecida uma sede e não foi fixado um calendário para a sua constituição. Mas existe agora uma decisão política. E essa decisão tem dois protagonistas: Ricardo Araújo e João Rodrigues.

DA COOPERAÇÃO À VONTADE DE GOVERNAR EM CONJUNTO

A ideia de pensar o Minho como uma realidade territorial integrada não nasceu agora. Na verdade, a região tem já uma longa experiência de cooperação. O Quadrilátero Urbano, por exemplo, constituído por Guimarães, Braga, Vila Nova de Famalicão e Barcelos, e que passou a Pentágono com a inclusão de Viana do Castelo e abril último, foi durante mais de duas décadas uma das principais plataformas de relacionamento entre estes territórios.

Foi através desse percurso que se aprofundaram relações institucionais e se produziram estudos sobre as dinâmicas económicas, sociais e de mobilidade da região. Foi também através dele que se tornou cada vez mais evidente uma realidade que hoje parece difícil de contrariar: as pessoas, as empresas e as instituições não vivem dentro das fronteiras administrativas dos seus municípios.

O território funciona como uma rede. Um vimaranense pode viver em Guimarães e trabalhar em Braga. Um bracarense pode trabalhar em Famalicão. Um estudante pode residir num município e frequentar uma instituição de ensino superior noutro.

Empresas com atividade em Guimarães têm relações permanentes com empresas de Braga, Famalicão, Barcelos ou Viana do Castelo. As universidades, os centros de investigação, os hospitais, os equipamentos culturais, as áreas industriais e os serviços públicos também estabelecem relações que ultrapassam as fronteiras dos concelhos.

Na entrevista conjunta concedida posteriormente ao Porto Canal, Ricardo Araújo e João Rodrigues desenvolveram precisamente esta ideia. João Rodrigues foi explícito: a região “já vive do ponto de vista material como uma área metropolitana”.

Há, segundo o presidente da Câmara de Braga, fluxos diários de pessoas, empresas com presença em vários concelhos, universidades e centros de conhecimento distribuídos pelo território. O problema, defende, é que ainda não existem as ferramentas políticas necessárias para trabalhar essa realidade como um todo.

As duas CIM, Ave e Cávado, têm desempenhado um papel importante, mas dividem administrativamente o território que se pretende agora unir numa lógica metropolitana.

É neste ponto que Ricardo Araújo coloca a questão de forma particularmente direta. “Ou nós continuamos a promover estudos, a debater, a anunciar que é necessário haver um olhar regional, ou damos passos concretos para que haja uma coordenação política, administrativa entre estes territórios.”

A frase ajuda a perceber a filosofia que está por detrás da iniciativa. Para o presidente da Câmara de Guimarães, chegou o momento de deixar de discutir se existe uma realidade regional e começar a criar instrumentos para a governar.

A MUDANÇA TAMBÉM ACONTECEU EM GUIMARÃES

É impossível compreender o momento atual sem olhar para a evolução política dentro da própria Câmara de Guimarães. Durante o mandato anterior, Domingos Bragança assumiu uma posição diferente. Em janeiro de 2025, quando o Memorando de Entendimento entre as CIM do Ave e do Cávado colocou novamente em cima da mesa a questão de uma possível Área Metropolitana, o então presidente da Câmara de Guimarães foi inequívoco. Bragança defendia o reforço das Comunidades Intermunicipais e entendia que a solução não deveria passar pela criação de uma nova estrutura.





Ricardo Araújo, em 2025, na altura vereador da oposição, defendia precisamente o contrário. Considerava que Guimarães deveria estar na liderança de uma eventual Área Metropolitana e alertava para a necessidade de o município definir claramente o seu papel. A posição do atual presidente da Câmara não mudou. O que mudou foi o lugar a partir do qual a defende. Hoje é Ricardo Araújo quem ocupa a presidência da Câmara de Guimarães e é ele quem assume a responsabilidade política de dar o primeiro passo.

Esta circunstância é importante porque demonstra que o atual processo não surgiu de uma decisão administrativa repentina. Resulta de uma discussão que atravessou diferentes mandatos, diferentes protagonistas e diferentes posições políticas. O que existe agora é uma convergência entre os presidentes de Guimarães e Braga, e até o principal partido da oposição nestes concelhos. E essa convergência pode ser precisamente aquilo que faltou no passado.

GUIMARÃES QUER ESCALA, MAS NÃO QUER PERDER A VOZ

Quando se fala de uma Área Metropolitana do Minho, existe uma pergunta que, para Guimarães, não pode ser secundária: qual será o papel do município nessa nova estrutura?

A questão já tinha sido levantada por Ricardo Araújo quando ainda era vereador. Na discussão de 2025 sobre o Memorando entre Ave e Cávado, defendia que, se o processo avançasse, Guimarães teria de defender muito bem a sua posição. O risco identificado era claro: ganhar escala, mas perder voz. É uma preocupação que permanece atual.

A futura Área Metropolitana poderá reunir uma dimensão populacional, económica e territorial muito significativa. As CIM do Ave e do Cávado representam, em conjunto, mais de 846 mil habitantes e uma área de 2.673 quilómetros quadrados. É uma escala relevante. Mas escala não significa necessariamente equilíbrio.

“NÓS QUEREMOS FAZER, NÃO ESTAMOS AQUI PARA CONTINUAR A ESTUDAR OU A DEBATER”

Braga será uma das principais centralidades da estrutura. É uma cidade com dimensão administrativa, universitária, económica e institucional. Guimarães, por seu lado, possui uma dimensão industrial, económica, cultural e patrimonial igualmente muito significativa. A relação entre as duas cidades será, por isso, um dos elementos decisivos de todo o processo.

Ricardo Araújo não esconde a importância dessa questão. Na entrevista ao Porto Canal, reconhece que a rivalidade histórica entre Guimarães e Braga existe, mas considera que ela deve ser colocada numa dimensão diferente. Guimarães continuará a ser, nas suas palavras, “a melhor cidade do mundo” para o seu presidente, tal como Braga será para João Rodrigues. A competição continuará. Mas há uma competição maior, a europeia. É essa mudança de escala que o autarca vimaranense procura colocar no centro do debate.

NÃO É UMA FUSÃO DE MUNICÍPIOS

Uma das questões que terá de ser explicada à população, à medida que o processo avançar, é precisamente o que significa criar uma Área Metropolitana. Não significa fundir Guimarães e Braga, não significa retirar identidade aos municípios, não significa que Guimarães deixe de defender os seus interesses nem significa que as rivalidades históricas desapareçam.

Os dois autarcas fazem questão de sublinhar isso. João Rodrigues considera que “as rivalidades entre municípios são naturais e até positivas. O que não pode acontecer é que essas rivalidades impeçam a região de tomar decisões conjuntas quando existe um interesse comum”.

Ricardo Araújo segue a mesma linha. Para o presidente de Guimarães, a Área Metropolitana deverá “permitir que os municípios continuem a competir entre si em determinadas áreas, mas que sejam capazes de trabalhar conjuntamente noutras. É uma distinção importante. Uma empresa que decide instalar-se em Guimarães pode beneficiar de uma rede de transportes regional, de universidades partilhadas, de centros de investigação, de fornecedores espalhados pelos municípios e de trabalhadores que atravessam diariamente as fronteiras concelhias. A competição municipal e a cooperação regional podem, portanto, coexistir. Aliás, terão de coexistir”.

A MOBILIDADE SERÁ A PROVA DE FOGO

Se há um domínio onde a Área Metropolitana poderá justificar a sua existência aos olhos dos cidadãos, é a mobilidade. É também aquele onde a necessidade de uma abordagem regional é mais evidente, porque os atuais fluxos de pessoas não correspondem aos limites administrativos.

Guimarães tem em curso o processo de implementação do MetroBus, com uma primeira fase entre Guimarães, Caldas das Taipas e Avepark, cujo financiamento de 80 milhões foi, em julho, assumido pelo Estado. Braga tem os seus próprios projetos estruturantes. Famalicão, Barcelos e Viana têm necessidades específicas e ligações diárias com os restantes centros urbanos.

O problema é que cada projeto pode ser pensado separadamente. A oportunidade de uma Área Metropolitana seria pensar o sistema como um todo.



Os autarcas apontam para um “verdadeiro sistema de mobilidade interconcelhos, intermunicípios, no fundo, metropolitano”. A expressão traduz uma das maiores ambições do processo.

Não se trata apenas de construir mais uma estrada ou mais uma linha de transporte, mas de garantir que as diferentes soluções se articulam. O transporte rodoviário com a ferrovia, o Metro-Bus com os restantes transportes públicos, as cidades com os parques empresariais, as zonas habitacionais com os locais de trabalho, e até as ligações locais com a alta velocidade.

Questionado sobre a rivalidade entre Guimarães e Braga, Ricardo Araújo defende que os cidadãos percebem que as diferenças entre municípios não podem impedir a cooperação quando estão em causa qualidade de vida e problemas comuns.

HABITAÇÃO, AMBIENTE, SAÚDE E PROTEÇÃO CIVIL

A Área Metropolitana não se resume aos transportes. Na apresentação de 21 de julho, Ricardo Araújo apontou várias áreas onde considera que poderá existir uma intervenção conjunta: mobilidade, proteção civil, cultura, ambiente, saúde e ordenamento do território. A habitação será também uma questão central.

O mercado habitacional de Guimarães não pode ser analisado isoladamente do de Braga, Famalicão ou Barcelos. As decisões tomadas num município têm consequências nos restantes. Uma nova zona empresarial cria procura habitacional, uma nova linha de transporte altera os locais onde é mais fácil viver, ou uma nova área residencial produz novos fluxos de trânsito.

Uma política metropolitana de habitação poderá permitir que estas dimensões sejam pensadas em conjunto. O mesmo acontece com a proteção civil. Os incêndios, as cheias, os fenómenos meteorológicos extremos e os riscos ambientais não conhecem fronteiras municipais. A gestão de recursos, equipamentos e meios pode ganhar eficácia quando existe coordenação territorial.

“A ÁREA METROPOLITANA PODE VIABILIZAR UMA COORDENAÇÃO POLÍTICA E ADMINISTRATIVA ENTRE ESTES TERRITÓRIOS”

Também a cultura poderá beneficiar. Guimarães tem uma posição muito particular neste domínio, pela força do seu património, da sua programação cultural e da sua experiência enquanto cidade reconhecida internacionalmente. Uma estratégia regional não terá de retirar protagonismo a Guimarães. Poderá, pelo contrário, permitir que a cidade use a sua capacidade cultural como uma das portas de entrada da região, defende Ricardo Araújo.

A “CAIXA DE FERRAMENTAS”

Na apresentação de 21 de julho, o presidente da Câmara de Guimarães, utilizou uma imagem que ajuda a perceber o que pretende que seja a Área Metropolitana: “Estamos a criar a grande caixa de ferramentas”. A frase merece ser retida. Porque Ricardo Araújo não apresentou a futura estrutura como uma solução para todos os problemas, apresentou-a como um instrumento. Um instrumento para coordenar, para planear, captar financiamento, implementar políticas e dar capacidade de negociação em projetos conjuntos. Na entrevista ao Porto Canal, explicou ainda que não pretende uma estrutura burocrática pesada.

João Rodrigues partilhou essa visão, defendendo uma área metropolitana “menos densa”, capaz de simplificar processos



em vez de criar mais um nível administrativo. A ideia é relevante porque uma das críticas que poderá surgir ao projeto é precisamente a possibilidade de criação de mais uma estrutura burocrática. Os autarcas tentam antecipar essa crítica; A Área Metropolitana, defendem, deve fazer o contrário: “retirar burocracia e aumentar capacidade de decisão”.

A QUESTÃO DE LISBOA

A região do Minho tem uma enorme importância económica, mas os seus autarcas consideram que nem sempre essa importância se traduz em investimento público proporcional. Na entrevista, João Rodrigues foi particularmente contundente neste aspeto, uma crítica dirigida ao modelo de distribuição do investimento público: “Não podemos continuar a ser uma espécie de melhor aluno do país e depois não ser tratados como esse melhor aluno”.

A região tem uma forte componente industrial, é exportadora, apresenta bons indicadores demográficos em comparação com outras regiões e concentra conhecimento e inovação, mas continua a reclamar investimentos estruturantes em mobilidade, infraestruturas e equipamentos.

A Área Metropolitana poderá servir como plataforma política para apresentar essas reivindicações de forma conjunta. Em vez de Guimarães pedir uma obra, Braga outra, Famalicão outra e Barcelos outra, poderá existir uma agenda regional, e essa agenda poderá chegar a Lisboa com um peso diferente.

AUTARCAS QUEREM LEVAR A VOZ AINDA MAIS LONGE

Os autarcas introduziram mais uma nuance importante: A Área Metropolitana não deverá servir apenas para falar com Lisboa, deverá também servir para falar com a Europa. A União Euro-

peia é hoje uma das principais fontes de financiamento para grandes projetos de transformação territorial.

Mobilidade sustentável, descarbonização, inovação, transição energética, digitalização e regeneração urbana são áreas onde a escala dos projetos pode determinar a capacidade de captar financiamento. Uma região com quase 850 mil habitantes terá, naturalmente, uma capacidade de apresentar projetos conjuntos diferente da de cada município isoladamente.



"GUIMARÃES CONTINUARÁ A SER A MELHOR CIDADE DO MUNDO PARA MIM, MAS TEMOS DE PERCEBER QUE HÁ UMA COMPETIÇÃO MUITO MAIS RELEVANTE: À ESCALA EUROPEIA"

Não significa que a existência da Área Metropolitana garanta financiamento, mas poderá permitir criar projetos com outra dimensão e apresentar uma estratégia integrada. Essa é uma das razões pelas quais os dois autarcas insistem que o objetivo não é apenas criar uma estrutura administrativa, é criar capacidade política.

A PORTA ABERTA A VIANA DO CASTELO

A futura Área Metropolitana terá como base política os municípios das CIM do Ave e do Cávado. Mas a porta está aberta, e Viana do Castelo surge como uma possibilidade evidente. A evolução do Quadrilátero para o Pentágono Urbano já colocou o município numa nova lógica de cooperação com Guimarães, Braga, Famalicão e Barcelos. Ricardo Araújo confirma que Viana poderá integrar o projeto, mas há uma preocupação em não tornar o processo excessivamente complexo.

O presidente da Câmara de Guimarães defende que a prioridade deve ser avançar com determinação. A fórmula poderá, por isso, começar por um núcleo mais definido e permitir posteriormente a adesão de outros municípios. Essa questão terá de ser negociada, e poderá ser uma das primeiras grandes decisões políticas do processo.

O PARLAMENTO TERÁ A PALAVRA

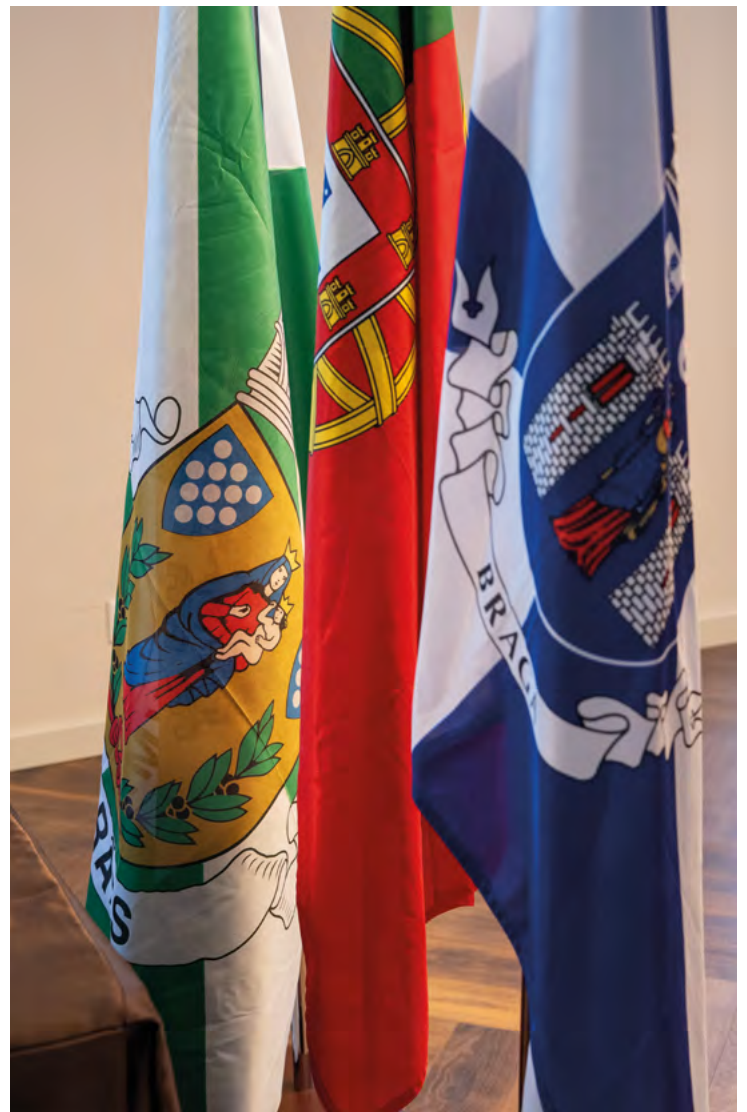
O anúncio da Falperra foi apenas o primeiro passo. O seguinte será a reunião com o primeiro-ministro Luís Montenegro. A audiência não será, no entanto, para pedir "licença".

A criação de uma Área Metropolitana depende de um processo legislativo, sendo necessária uma alteração da lei e a Assembleia da República terá, por isso, um papel fundamental. O Governo poderá também ter intervenção no processo, mas os dois autarcas mostram-se confiantes.

Ricardo Araújo diz acreditar que a iniciativa será bem recebida pelo Governo e espera que os principais grupos parlamentares acompanhem a vontade manifestada pelos municípios. Até existir uma decisão legislativa, há ainda um caminho político a percorrer, e esse caminho será feito também dentro dos próprios municípios.

PRIMEIRO, CONVENCER OS MUNICÍPIOS

A intenção anunciada por Guimarães e Braga não significa que todos os municípios das CIM do Ave e Cávado estejam automaticamente vinculados à futura Área Metropolitana. Será necessário construir consensos, apresentar formalmente o



projeto aos respetivos municípios e discutir a adesão. É aqui que poderão reaparecer algumas das questões que marcaram o debate anterior.

Que competências terão as CIM? O que acontece às estruturas existentes? Qual será a relação entre os municípios e a futura Área Metropolitana? Como será repartido o poder e como será garantido o equilíbrio territorial? São questões que não podem ser ignoradas.

A vantagem do momento atual é que, ao contrário do que acontecia anteriormente, existe uma vontade política assumida pelas duas principais cidades

GUIMARÃES PERANTE A OPORTUNIDADE

O município de Guimarães "não pode limitar-se a aderir, terá de definir uma estratégia" defende Ricardo Araújo. Se a Área Metropolitana avançar, Guimarães estará perante uma oportunidade rara de participar na construção de uma nova geografia política desde o princípio.

Não será uma estrutura que já existe e à qual o município se junta posteriormente, Guimarães estará entre os municípios fundadores, e isso significa poder influenciar o desenho. É uma oportunidade para o município afirmar que não quer apenas estar numa Área Metropolitana, quer ter um papel determinante na sua construção.

O VERDADEIRO DESAFIO SERÁ NÃO PERDER GUIMARÃES DENTRO DO MINHO

Quanto maior for a estrutura, maior será também o risco de o município perder visibilidade dentro dela. A resposta estará

provavelmente no equilíbrio. “Guimarães não terá de escolher entre ser Guimarães e ser parte do Minho, poderá ser mais forte nas duas dimensões”, aponta Ricardo Araújo. “Uma cidade com identidade própria, mas integrada numa região com capacidade de intervenção. Uma economia local, mas ligada a cadeias de valor regionais, com universidades e centros de investigação, mas integrados num ecossistema mais amplo. Uma programação cultural própria, mas capaz de projetar o território. Com uma rede de transportes local, integrada numa rede metropolitana, e uma política habitacional municipal articulada com uma estratégia regional”, defende. É essa articulação que poderá transformar a Área Metropolitana numa “ferramenta de desenvolvimento”.

O DIA 21 DE JULHO FOI APENAS O INÍCIO

A Falperra ficará como a imagem do momento em que Guimarães e Braga decidiram assumir conjuntamente esta ambição. Mas a fotografia não cria uma Área Metropolitana. O que vem depois será muito mais difícil.

Será necessário reunir municípios, construir consensos, definir competências, negociar com o Governo, passar pelo Parlamento, desenhar uma estrutura, definir financiamento, escolher um modelo de governação e, sobretudo, convencer os cidadãos.

Porque, destaca Ricardo Araújo, não se trata apenas de uma nova designação territorial, mas de tentar construir uma nova forma de pensar o Minho.

“A ÁREA METROPOLITANA DO MINHO PODE SER A MAIOR MUDANÇA TERRITORIAL DA REGIÃO EM DÉCADAS. MAS, PARA GUIMARÃES, O VERDADEIRO DESAFIO NÃO É ENTRAR. É AJUDAR A DESENHAR O MODELO E GARANTIR QUE A CIDADE É UM DOS SEUS CENTROS DE DECISÃO”



Temos tudo para o seu automóvel!

BATERIAS AUTO | MOTO | EMPILHADORES | BARCOS
CHAPARIA | MECÂNICA | ELETRICIDADE

VENDA AO PÚBLICO
REVENDA COM DESCONTOS ESPECIAIS

RUA NOSSA SENHORA DA AJUDA (EN105), 101, MOREIRA DE CÓNEGOS 4815-368 GUIMARÃES
TL: 253 521 315 | INFO@CASADASBATERIAS.COM



Desde janeiro 1998



GUIMARÃES BARCELOS VISEU



DISTRIBUIDOR
OFICIAL
TUDOR **LIQUI MOLY**

WWW.CASADASBATERIAS.COM



EXPOSIÇÕES LEVAM HISTÓRIA E CULTURA À SEDE DA JUNTA DE FREGUESIA DA CIDADE

TEXTO: ELISEU SAMPAIO E FOTOGRAFIA: JF CIDADE

Depois de duas mostras de António Meireles Martins, o espaço recebe agora uma exposição de Fernando Capela Miguel dedicada ao jogo e à sua influência na atualidade

A sede da União das Freguesias de Oliveira do Castelo, São Paio e São Sebastião tem sido, nos últimos meses, palco de um conjunto de exposições dedicadas à memória, à história e à cultura. O espaço recebeu recentemente duas mostras da autoria do colecionador e curador António Meireles Martins e acolhe agora uma nova exposição, desta vez de Fernando Capela Miguel, dedicada ao jogo e à sua influência na sociedade atual.

O ciclo mais recente teve início com a exposição “24 de Junho – Dia 1 de Portugal”, inaugurada a 19 de junho. A mostra reuniu dezenas de peças alusivas à história de Guimarães e à celebração da data maior da cidade, apresentando fotografias, recortes de imprensa, documentos, quadros, medalhas e outros elementos que testemunham a evolução das comemorações do 24 de Junho.

Natural de Oliveira do Castelo, António Meireles Martins dedica há várias décadas a sua vida ao colecionismo, tendo reunido um vasto espólio documental e material relacionado com a história de Guimarães. O trabalho desenvolvido ao longo dos anos transformou a sua coleção numa importante referência para a preservação e divulgação da memória vimaranense.

Para o colecionador, as exposições assumem sobretudo uma dimensão pedagógica. Mais do que apresentar peças, o objetivo passa por criar oportunidades para que a comunidade conheça a sua história e para que as gerações mais novas desenvolvam interesse pelo património e pelo conhecimento através do colecionismo.

AS GUALTERIANAS COMO MEMÓRIA PRESENTE

Depois da exposição dedicada ao 24 de Junho, a sede da União das Freguesias recebeu uma segunda mostra de António Meireles Martins, intitulada “Gualterianas – uma Memória feita Presente”.

A exposição recuperou memórias das Festas da Cidade e Gualterianas, através de uma seleção de peças do espólio do colecionador. Fotografias, documentos, recortes de imprensa e outros elementos permitiram revisitar diferentes épocas das celebrações e recordar algumas das suas tradições.

A coleção esteve patente até ao passado dia 6 de agosto, dando continuidade a uma relação que se prolonga há cerca de uma década entre o colecionador e a sede da União das Freguesias.

Durante estes anos, António Meireles Martins tem encontrado naquele espaço uma oportunidade para partilhar regularmente diferentes partes do seu espólio, permitindo que objetos e documentos reunidos ao longo de décadas sejam conhecidos por um público mais alargado.

FERNANDO CAPELA MIGUEL APRESENTA AGORA EXPOSIÇÃO SOBRE O JOGO

Depois das duas exposições de António Meireles Martins, a sede da União das Freguesias dá agora lugar a uma nova mostra, da autoria de Fernando Capela Miguel, apresentada a 12 de agosto.



TÂNIA SALGADO

AS CRIANÇAS TAMBÉM VIVEM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Durante muito tempo, falou-se das crianças em contextos de violência doméstica como “testemunhas”. A palavra sugere que apenas observam o conflito. A experiência mostra outra realidade. Uma criança não precisa de assistir a uma agressão para ser atingida. Basta ouvir ameaças, perceber o medo no rosto da mãe, encontrar objetos partidos ou aprender que é melhor não falar.

Em Portugal, este reconhecimento está consagrado na lei. A Lei n.º 57/2021, de 16 de agosto, passou a incluir no conceito de vítima as crianças e os jovens até aos 18 anos que sofreram maus-tratos relacionados com a exposição a contextos de violência doméstica. Não são apenas espectadores. São vítimas por direito próprio e precisam de proteção.

Muitas destas crianças crescem em estado de alerta. Tornam-se atentas aos sons, aos movimentos e às mudanças de humor. Algumas tentam proteger os irmãos. Outras procuram acalmar o agressor, consolar a vítima ou evitar outro episódio. Há crianças que se tornam silenciosas e outras que exprimem a angústia através da irritabilidade, da agressividade, de dificuldades escolares, de alterações do sono ou de queixas físicas.

Na minha experiência com crianças e famílias, tenho aprendido que o que os adultos interpretam como “mau comportamento” pode ser uma forma de sobrevivência. Uma criança que não se

concentra pode ter passado a noite a ouvir discussões. Um jovem que desafia os adultos pode ter aprendido que a força é a única forma de ser ouvido. Uma criança demasiado responsável pode estar a assumir tarefas emocionais que não lhe pertencem.

A exposição à violência pode influenciar a forma como uma criança compreende o amor, o poder e o conflito. Algumas podem aceitar o controlo, o medo ou a humilhação, ficando vulneráveis a relações abusivas. Outras podem reproduzir comportamentos agressivos para impor autoridade ou resolver conflitos. Mas não existe um destino inevitável. Ter vivido violência na infância não significa tornar-se vítima ou agressor na idade adulta.

Existem, porém, riscos que justificam prevenção, acompanhamento e relações seguras capazes de mostrar outras formas de viver. Um adulto protetor, uma escola atenta, apoio psicológico e uma comunidade que não desvaloriza os sinais podem interromper padrões aprendidos e ajudar a criança a construir relações baseadas no respeito, na confiança e na igualdade.

Por isso, saber ler os sinais é essencial. A escola, os serviços de saúde, as atividades desportivas, os familiares e a comunidade podem ser espaços de proteção. Ler sinais não é investigar, confrontar a família ou tirar conclusões. É observar, escutar sem julgamento e encaminhar para quem pode avaliar e intervir. Uma pergunta feita com tranquilidade pode abrir espaço para que uma criança diga aquilo que nunca conseguiu dizer.

Proteger uma criança exige também trabalhar com a família. A pessoa que sofre violência pode estar fragilizada, com medo, dependente economicamente ou sem apoio. Perguntar por que razão não saiu mais cedo ignora a complexidade da violência doméstica. A pergunta deve ser outra: de que condições de segurança, habitação, rendimento, apoio psicológico e jurídico precisa esta pessoa para reconstruir a vida com os filhos?

A responsabilidade pela violência pertence sempre a quem a pratica. Apoiar o cuidador não agressor é uma das formas eficazes de reforçar a proteção da criança. Porém, a intervenção deve mantê-la no centro, escutando-a de forma adequada à idade, respeitando o seu tempo e evitando transformá-la em mensageira, mediadora ou prova do conflito entre adultos.

O fim da relação não significa, necessariamente, o fim da violência. Depois da separação, o controlo pode manter-se através de ameaças, da utilização dos filhos como forma de pressão, dos momentos de entrega e recolha ou até dos próprios processos judiciais. Por isso, é fundamental distinguir um desacordo parental de uma dinâmica de violência que continua a assentar no medo, no controlo e no desequilíbrio de poder.

Nenhuma criança deve aprender que amar é ter medo, que o silêncio protege a família ou que a violência faz parte das relações. Reconhecê-la como vítima não é rotulá-la nem antecipar-lhe um destino. É garantir-lhe o direito a ser vista, escutada e acompanhada. Quando intervimos cedo e trabalhamos em conjunto, podemos interromper ciclos de violência e abrir caminho para que cresça com liberdade, confiança e a certeza de que a violência nunca é uma forma de amor.



Ao redor do mundo

TEXTO: CAROLINA RODRIGUES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



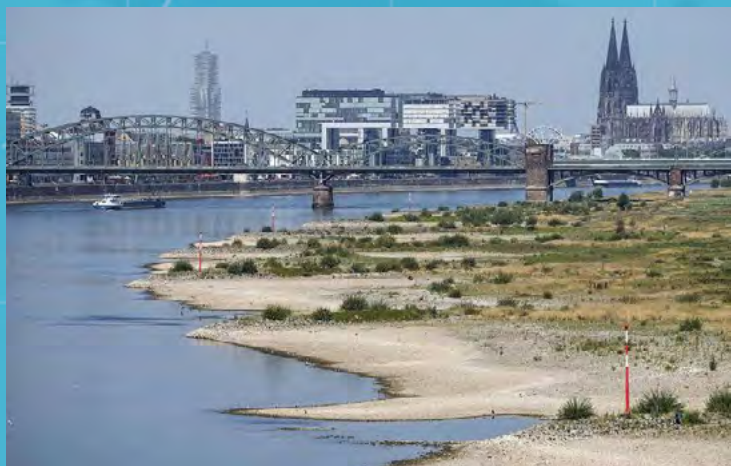
UNIÃO EUROPEIA REFORÇA REGRAS PARA A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Entrou em vigor, no início de agosto, mais uma fase do Regulamento Europeu da Inteligência Artificial. A partir de agora, assistentes virtuais e outros sistemas de IA que conversam com utilizadores são obrigados a identificar-se claramente como máquinas, evitando qualquer confusão com interlocutores humanos. Além disso, imagens, vídeos ou áudios manipulados ou criados por IA, os chamados "deepfakes", passam a ter de ostentar uma marca que permita identificá-los facilmente.

A medida pretende travar a desinformação e aumentar a confiança do público nesta tecnologia.

CRÂNIOS USADOS COMO TAÇAS REVELAM RITUAIS DE ANTIGA CIVILIZAÇÃO CHINESA

Uma equipa de arqueólogos encontrou, numa zona associada a uma antiga cultura chinesa, vários crânios humanos que, há cerca de cinco mil anos, foram transformados em utensílios do quotidiano, como recipientes e peças semelhantes a máscaras. Os objetos apareceram junto de outros resíduos, misturados ao lixo comum da época, o que levanta novas questões sobre a forma como esta sociedade neolítica lidava com os corpos dos mortos, aparentemente de forma muito mais prática e menos cerimonial do que se pensava.



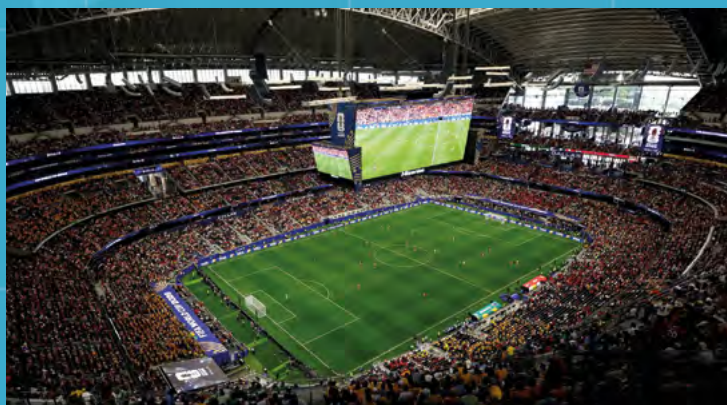
SECA HISTÓRICA FAZ BAIXAR O NÍVEL DO RIO RENO NA ALEMANHA

Meses de calor intenso e escassez de chuva reduziram drasticamente o caudal do rio Reno, uma das principais vias de transporte fluvial da Europa.

Em Colónia, várias embarcações ficaram impossibilitadas de navegar devido à falta de profundidade da água, um cenário nunca antes registado com esta gravidade. O episódio tem alimentado o debate sobre os efeitos das alterações climáticas na economia e no comércio europeu.

MUNDIAL 2026 TORNA SE O TORNEIO MAIS VISTO DA HISTÓRIA

A primeira edição do Campeonato do Mundo disputada em três países diferentes superou todos os recordes anteriores de audiência. Segundo a FIFA, cerca de 5,2 mil milhões de pessoas, praticamente dois terços da população mundial, acompanharam a competição em algum momento, através de televisão ou plataformas digitais, ultrapassando os números alcançados no Qatar em 2022.





MARIA MACIEL “A VIOLÊNCIA COMEÇA MUITO ANTES DE APARECER UMA NÓDOA NEGRA”

TEXTO: ELISEU SAMPAIO E FOTOGRAFIA: VV STUDIOS

Maria Maciel esteve no podcast Eliseu Talks – Conversas que Inspiram, para uma conversa sem filtros sobre relações tóxicas, violência doméstica, liberdade, responsabilidade, maternidade e a importância de cuidarmos de nós próprios. Criminóloga, pós-graduada em Mediação Familiar e Técnica de Apoio à Vítima, Maria Maciel conhece a violência doméstica por dentro do sistema de apoio às vítimas, mas também pela experiência.

A conversa aconteceu num momento particularmente especial da sua vida, já com 34 semanas de gravidez do primeiro filho, Nicolau, que entretanto nasceu. A família está “mais feliz que nunca”.

Que Maria encontramos hoje?

Hoje encontro-me numa fase em que me sinto verdadeiramente mulher. Até há pouco tempo sentia que ainda não tinha deixado completamente de ser uma menina ou uma jovem. Agora sinto que tenho as minhas ideias mais orientadas e a minha vida mais estabilizada.

Continuo a ser uma pessoa ambiciosa, empreendedora e pouco conformista. Nunca fui muito de aceitar as coisas simplesmente porque é assim que toda a gente faz. Gosto de quebrar padrões e tenho um propósito muito definido para a minha vida.

Essa vontade de quebrar padrões também esteve presente muito cedo na tua vida?

Sem dúvida. Sempre tive uma enorme vontade de ser independente e autónoma. Preferia correr riscos para ter liberdade do que permanecer no conforto de uma situação que não correspondia ao que eu queria para a minha vida.

Foi também essa vontade que me levou para a Finlândia. Sempre preferi arriscar e perceber se dava certo do que ficar depois com aquela dúvida de pensar: “E se eu tivesse tentado?”. Se não der certo, aprendemos, tentamos novamente ou mudamos de caminho.

É uma mensagem que deixas também aos jovens?

Sim. Acho que o primeiro passo é sabermos o que queremos. Se não sabemos para onde queremos ir, qualquer caminho acaba por servir. Sinto que muitos jovens vivem um pouco assim: não sabem exatamente o que querem, não sabem muito bem quem são e acabam por andar ao sabor das circunstâncias.

Eu tive sempre muito presente a questão da liberdade e de estar alinhada com os meus valores. Isso obrigou-me a ter coragem para dizer às outras pessoas aquilo que quero e aquilo que não quero.

Falamos muito de uma geração de jovens mais protegida pelos pais. Consideras que essa proteção acaba por fragilizá-los?

Acho que passámos do oito para o oitenta. Houve uma geração que passou por muitas privações e que pensou que, porque não teve determinadas oportunidades, iria dar tudo aos seus filhos.

O problema é que, muitas vezes, dar tudo é dar o peixe e não ensinar a pescar. Muitos jovens acabam por não perceber que aquilo que têm teve um custo, que alguém trabalhou, se esforçou e tomou decisões para lhes proporcionar aquele estilo de vida. Quando não existem limites e não aprendemos a lidar com a frustração, à mínima coisa que corre mal parece que estamos perante uma tempestade.

Liberdade ou responsabilidade?

Acima de tudo, responsabilidade. Acho que hoje existe alguma dificuldade em assumir a responsabilidade pelos próprios comportamentos. É muito mais fácil dizer “fiz isto porque alguém me mandou” ou “fiz isto porque outra pessoa me disse para fazer”. É mais difícil dizer: “Eu fiz isto porque quis” ou “Naquele momento achei que era a melhor decisão”.

A liberdade sem responsabilidade não funciona. E isso é válido para todas as idades e para todas as relações.



É precisamente no campo das relações que desenvolves atualmente grande parte do teu trabalho. Como chegaste ao apoio às vítimas de violência doméstica?

Curiosamente, quando terminei a licenciatura e o mestrado em Criminologia, queria trabalhar com os agressores. A minha primeira experiência profissional no terreno foi com reclusos, em estabelecimentos prisionais.

Na altura, trabalhar com vítimas não era aquilo que procurava. Achava que não teria paciência para lidar com pessoas tristes, frustradas ou que não acreditassem no sistema. Mas tive uma oportunidade de trabalhar com vítimas e isso mudou completamente a minha perceção. Percebi que trabalhar com vítimas podia ser ainda mais desafiante do que trabalhar com agressores. Muitas vítimas têm uma força enorme e uma capacidade de resistência que nós, de fora, nem conseguimos imaginar.

E acabaste também por conhecer a violência e uma relação tóxica através de uma experiência pessoal.

Sim. É uma parte importante da minha história. Depois de anos a falar sobre violência no namoro e violência doméstica, inclusive em escolas e com profissionais, eu própria passei por uma relação abusiva. É irónico, porque tinha a formação académica, conhecia a teoria, trabalhava com vítimas e, mesmo assim, não fui capaz de identificar imediatamente todos os sinais que estavam à minha frente.

Na altura assumi muito o papel de cuidadora. Pensava que aquela pessoa estava a passar por uma depressão, por um burnout ou por problemas relacionados com o trabalho. Estávamos também no período da Covid e havia muitas razões que podiam explicar determinados comportamentos. Só mais tarde percebi que não eram apenas circunstâncias externas. Havia características da própria pessoa e uma dinâmica de manipulação e violência psicológica.

O facto de seres criminóloga, de teres formação na área, não te protegeu de uma relação abusiva.

Não. E isso é muito importante dizer. Existe uma ideia de que as vítimas de violência doméstica são pessoas com poucos estudos, de classes sociais mais baixas ou provenientes de famílias desestruturadas. Isso não é verdade. A violência pode acontecer em qualquer idade, em qualquer contexto social e independentemente do nível de escolaridade ou da situação económica. Ter formação, ter estabilidade financeira ou trabalhar numa determinada área

“A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NÃO É SÓ VIOLÊNCIA FÍSICA. TEM COMPONENTES PSICOLÓGICAS, SOCIAIS, ECONÓMICAS E SEXUAIS”

não nos torna imunes. Eu própria sou um exemplo disso. Só depois de sair daquela relação e de fazer dois anos de terapia consegui compreender completamente aquilo que tinha vivido.

Porque é que uma pessoa permanece numa relação abusiva?

É importante percebermos o ciclo da violência. Muitas vezes, quem está de fora olha para uma vítima e pergunta: “Porque é que ela não sai?”. Mas ninguém gosta de ser humilhado, controlado ou agredido. O problema é que existe um ciclo que faz com que a pessoa permaneça naquela relação.

Temos a chamada “lua de mel”, em que tudo parece estar bem. É uma fase em que a pessoa agressora pode pedir desculpa, mostrar carinho e fazer acreditar que as coisas vão mudar. É precisamente essa fase que muitas vítimas valorizam e à qual se agarram. Depois surge o aumento da tensão. Começam os sinais de controlo, a falta de respeito, as ameaças, a intimidação ou a distorção da realidade. Finalmente, acontece a explosão da violência. A máscara cai completamente.

E esse ciclo vai-se repetindo?

Sim. E, muitas vezes, as fases começam a ficar cada vez mais curtas. Aquilo que inicialmente poderia acontecer uma vez e ser seguido por semanas ou meses de aparente tranquilidade começa a repetir-se com maior frequência. É também por isso que uma vítima pode normalizar comportamentos que, para quem está de fora, seriam absolutamente inaceitáveis.

Um insulto, por exemplo, pode inicialmente parecer uma coisa muito grave. Mas depois de ouvir insultos durante meses ou anos, a pessoa começa a pensar que aquilo “não é assim tão grave”. O mesmo acontece com o controlo, com a humilhação ou com determinadas formas de violência psicológica. A pessoa vai dando outro significado ao que está a acontecer e normaliza a violência.

Ou seja, a violência não começa necessariamente com uma agressão física.

Exatamente. A violência doméstica não é apenas violência física. Existe violência psicológica, social, económica e sexual. Antes de existir uma nódoa negra ou de um vizinho ouvir um grito, pode já existir uma escalada de comportamentos violentos.

Quando aceitamos como normais o controlo, os ciúmes, a intimidação ou a coação, estamos a permitir que esses comportamentos evoluam. Muitas vezes começam de forma muito subtil: “Só quero o melhor para ti”, “Só estou preocupado contigo”, “Faço isto porque gosto de ti”. São as chamadas bandeiras vermelhas, os sinais de alerta que devemos aprender a reconhecer.

Qual deve ser a atitude de alguém que percebe que um amigo, familiar ou vizinho pode estar a viver uma situação de violência?

O primeiro passo é mostrar à vítima que não está sozinha. Muitas vezes pensamos que o primeiro passo é apresentar uma queixa. Mas isso nem sempre é assim tão simples. Dependendo da situação, apresentar uma queixa pode até aumentar o risco para aquela pessoa.

Se a vítima ainda não se reconhece como vítima, se não quer sair da relação ou se não está preparada para tomar determinadas decisões, devemos começar por mostrar que estamos atentos e disponíveis. Podemos dizer: “Eu percebi que alguma coisa está a

acontecer. Se precisares de mim, estou aqui". Se estivermos perante uma situação de violência evidente, naturalmente devemos chamar as autoridades. A violência doméstica é um crime público e qualquer pessoa pode denunciar.

E é importante não fechar os olhos.

Não podemos continuar com aquela ideia de "entre marido e mulher não se mete a colher". Qualquer pessoa pode denunciar uma situação de violência doméstica. Pode contactar as forças de segurança e, em determinadas circunstâncias, fazê-lo de forma anónima. Mas agir não significa apenas fazer uma denúncia. Significa também apoiar aquela pessoa, ajudá-la a perceber que não está sozinha e estar disponível para quando ela estiver preparada para aceitar ajuda.

Também trabalhas com jovens e vais às escolas falar sobre violência no namoro. O que encontras nessa realidade?

Há comportamentos de controlo que muitos jovens consideram normais. Por exemplo, controlar onde está o namorado ou a namorada através do telemóvel ou de aplicações de localização. Quando falamos com jovens, muitas vezes dizem-nos: "Toda a gente faz isso". E esse é precisamente o problema. Quando um comportamento de controlo passa a ser considerado normal, torna-se muito mais difícil identificar que estamos perante um sinal de alerta.

Faço sessões de sensibilização nas escolas sobre violência no namoro e violência doméstica e também trabalho com profissionais que estão no terreno: autarquias, IPSS, forças de segurança, CPCJ, centros de saúde e outras instituições. É muito importante que estes profissionais saibam reconhecer os sinais, porque a maioria das vítimas não apresenta queixa. Aquilo que conhecemos é apenas a ponta do icebergue.

"OS FILHOS TAMBÉM SÃO VÍTIMAS"

Quando existem crianças numa relação marcada pela violência, muitas pessoas permanecem juntas precisamente por causa dos filhos.



Sim, e esse é outro fator que pode manter uma pessoa presa ao ciclo da violência. Existe a ideia de que é melhor para os filhos terem os pais juntos, mesmo que estejam constantemente a assistir a insultos, gritos, humilhações ou agressões.

Mas uma criança que vive nesse ambiente também é vítima. Já não devemos falar apenas em vítimas diretas e indiretas. Uma criança que cresce num ambiente de violência é também uma vítima daquela violência.

E esse ambiente pode deixar marcas para o futuro.

A violência vivida durante a infância é um fator de risco. Não significa que uma criança que cresceu num ambiente violento vá necessariamente tornar-se agressora, mas existe uma influência. Pode adotar comportamentos violentos, ter dificuldades em gerir emoções, baixa tolerância à frustração ou dificuldade em estabelecer relações saudáveis.

Também pode acontecer o contrário: a pessoa crescer e fazer tudo para não repetir aquilo que viveu. Mas é importante perceber que aquela experiência teve impacto e que deve ser trabalhada.

PUB



**Meu
Super**

CREIXOMIL

Rua da Índia
Nº 462, Loja 4
Guimarães

RONFE

Alameda Professor
Abel Salazar, Nº 29
Guimarães

TROFA

Rua Costa Ferreira
Nº 100, Loja 4

NOVAIS

Vila Nova de
Famalicão



Estamos também a falar contigo numa fase muito particular: estás prestes a ser mãe. Como vais conciliar a maternidade com todos os teus projetos?

Não está nos meus planos parar. Está nos meus planos abrandar e delegar. Quero ser uma mãe presente e tenho uma licença de maternidade para gozar, naturalmente, mas não quero deixar de ser a Maria profissional. Tenho projetos, tenho um espaço de coworking, tenho o alojamento local, continuo ligada ao apoio às vítimas, inclusive através das redes sociais.

Há coisas que não param. O que muda é a gestão. Deixo de estar necessariamente à frente de tudo, mas os projetos continuam. A vida continua. Nós é que temos de nos adaptar.

A maternidade continua a ser uma condicionante para muitas mulheres no mercado de trabalho?

Infelizmente, sim. É triste que uma mulher possa ser questionada numa entrevista de emprego sobre se está numa relação ou se pretende engravidar. Isso ainda acontece. Ao mesmo tempo, também consigo compreender que as empresas enfrentam dificuldades quando têm de assegurar salários e estruturas perante uma ausência. Mas não pode ser apenas uma responsabilidade das empresas.

Deveria existir um sistema que desse condições para que as empresas conseguissem lidar com a maternidade e a parentalidade sem que isso se transformasse numa penalização para as mulheres.

Há também uma dimensão muito forte na tua vida, e da tua família, ligada ao Caminho de Santiago e à Casa da Carolina, onde fiquei, há cinco anos, no meu primeiro Caminho. O que representa esse projeto?

A Casa da Carolina é uma casa do mundo, uma casa de peregrinos para peregrinos. É engraçado perceber como um simples Caminho

de Santiago pode ter um impacto tão grande nas nossas vidas, tanto a nível pessoal como profissional.

Quisemos criar um espaço onde pudéssemos proporcionar aos peregrinos um bom acolhimento. Temos, na Casa da Carolina, uma identidade muito própria: recebemos pessoas em nossa casa e acabamos por criar uma espécie de família com quem passa por lá.

Para terminar, que mensagem gostarias de deixar a quem está a ler esta entrevista?

Que tenham coragem de arriscar e de fazer diferente. Que não tenham medo de partilhar aquilo que realmente pensam, as suas necessidades e os seus limites. Se nós não soubermos aquilo que queremos, a outra pessoa não vai conseguir ler os nossos pensamentos. E dificilmente vamos conseguir alcançar os nossos objetivos se não formos capazes de comunicar aquilo que queremos.

Por isso, o primeiro passo é termos a coragem de partilhar com o mundo aquilo que queremos e fazer esse caminho para lá chegar. No fundo, a vida resume-se muito à qualidade das relações que temos com os outros, mas também à relação que temos conosco próprios. Se eu não estiver bem, as pessoas à minha volta também não vão ficar bem. O primeiro passo é cuidarmos de nós.

“TENHAM A CORAGEM DE
PARTILHAR COM O MUNDO
AQUILO QUE QUEREM”

PUB

arrecadações pequenos armazéns self-storage soluções de armazenagem car&nautic storage



Arrecadações da Quintã

Travessa Ferreira de Castro s/n (GUIMARÃES)

arrecadacoesdaquinta@gmail.com

facebook/arrecadacoes

253 539 500



Parceria

DECO JUNTA-SE AO IHRU PARA APOIAR OS CONSUMIDORES SOBRE O PROGRAMA DE APOIO EXTRAORDINÁRIO À RENDA

A DECO e o IHRU iniciaram uma colaboração que permitirá reforçar a informação a todos os consumidores sobre o Programa de Apoio Extraordinário à Renda. Muitos agregados vivem atualmente na incerteza sobre um apoio que deveria ser automático e sem sobressaltos, mas que tem motivado muitos relatos sobre cortes abruptos e sem aviso prévio, erros de cálculo, atrasos no pagamento e sem retroativos e notificações de dívida indevidas pela Segurança Social.

O Apoio Extraordinário à Renda representa para muitas famílias uma ajuda determinante para o equilíbrio do orçamento mensal. A interrupção inesperada deste apoio ou a existência de erros no seu processamento pode aumentar significativamente a taxa de esforço com a habitação e dificultar o cumprimento de outras despesas essenciais.

O desconhecimento sobre o programa e procedimentos a adotar por parte dos consumidores evidencia que ainda há um défice de informação que deve ser combatido. E o problema maior é que esta falta de informação atinge, sobretudo, quem tem menos margem para a absorver: as famílias mais vulneráveis.

Para a DECO a complexidade do sistema não pode ser transferida para os consumidores. Por isso, a Associação reforçou a sua colaboração com o IHRU, por forma a contribuir para a capacitação e literacia dos consumidores nesta área. Através desta parceria, a DECO passa a assegurar um atendimento especializado e gratuito a todos os consumidores que tenham dúvidas sobre o Apoio Extraordinário à Renda. Este apoio será prestado:

Nas autarquias, em todos os protocolos de colaboração com a DECO e nos nossos Balcões de Habitação e Energia; Nas instalações da DECO e nas suas estruturas regionais; Através de uma linha telefónica [213 710 270] e de um email [habitacao@deco.pt] para quem não pode ou não consegue deslocar-se.

Com este serviço, a DECO conseguirá esclarecer os consumidores sobre os critérios de atribuição do apoio, a verificar a sua situação, a identificar eventuais erros no cálculo da prestação ou da elegibilidade, os prazos e a documentação necessária e os canais disponíveis para reclamar quando as famílias deixam de receber o apoio ou quando são confrontadas com pedidos de devolução pela Segurança Social.

A experiência da DECO demonstra que a falta de informação e a dificuldade em compreender procedimentos administrativos são fatores que agravam a vulnerabilidade financeira das famílias.

Esta parceria com o IHRU será, assim, um contributo relevante para assegurar que na criação de programas públicos de habitação, o consumidor tem sempre uma associação de consumidores a seu lado para o apoiar e, sobretudo, que esse apoio é gratuito, próximo e especializado.

Informe-se connosco.

Pode contar com o apoio da DECO Minho através do número de telefone 258 821 083 ou através do endereço eletrónico deco.minho@deco.pt

VENDAS AGRESSIVAS: SAIBA COMO SE PROTEGER

Já lhe aconteceu receber um telefonema insistente para contratar um serviço? Ou abrir a porta de casa e encontrar alguém a tentar convencê-lo a comprar um colchão, um aparelho auditivo ou a mudar de fornecedor de energia? Estas situações podem parecer inofensivas, mas, em alguns casos, escondem práticas comerciais desleais.

As vendas agressivas procuram pressionar o consumidor a tomar uma decisão que, em circunstâncias normais, talvez não tomasse. Essa pressão pode assumir várias formas: insistência excessiva, promessas de ofertas ou prémios que não existem, falsas alegações sobre os benefícios de determinados produtos ou até o envio de bens que nunca foram pedidos, seguido da tentativa de cobrança.

Os consumidores mais vulneráveis, como os idosos, são muitas vezes os principais alvos destas práticas, e entre os produtos e serviços mais frequentemente vendidos desta forma, estão os colchões, cadeiras de massagens, aparelhos auditivos, contratos de energia, gás e telecomunicações. É importante saber que, quando a compra é feita à distância – por telefone ou pela internet – ou fora de um estabelecimento comercial, como acontece nas vendas ao domicílio, a lei protege o consumidor. Pode desistir do contrato no prazo de 14 dias, sem ter de justificar a decisão nem suportar custos adicionais. Nas vendas porta a porta, esse prazo passa a ser de 30 dias.

Para exercer este direito, o cancelamento deve ser comunicado por escrito, preferencialmente através de carta registada com aviso de receção e enviada dentro do prazo legal. Guarde sempre uma cópia da comunicação. E quando o contrato tem um crédito associado? Em caso de cancelamento do contrato principal no prazo de 14 dias, também o contrato de crédito associado se considera automaticamente resolvido.

Para evitar problemas, há algumas regras simples que fazem toda a diferença: desconfie de propostas demasiado boas para serem verdade, nunca assine documentos sem os ler com atenção e, sempre que possível, evite tomar decisões na hora, sobretudo em vendas ao domicílio ou por telefone. Em caso de dúvida, procure aconselhamento antes de assumir qualquer compromisso. Uma decisão informada é a melhor forma de proteger os seus direitos enquanto consumidor.



ELISEU TALKS

CONVERSAS QUE INSPIRAM



PODCAST

Disponível no

